



**SOCIEDADE E VALORES**

# **ADOLESCENTES AMERICANOS**

**COM  
APRESENTAÇÃO  
DA  
PRIMEIRA-DAMA  
LAURA BUSH**



## Sociedade e Valores



---

Editor .....	Steven Lauterbach
Editor-gerente .....	Neil Klopfenstein
Editores associados.....	Michael J. Bandler Mark A. Betka Jeanne Holden
Especialistas em referências.....	Mary Ann Gamble Kathy Spiegel
Design de layout.....	Sylvia Scott Min Yao
Design da capa.....	Thaddeus A. Miksinski, Jr.
Editora de fotografia.....	Gloria Castro

---

Editora-chefe .....	Judith S. Siegel
Editor sênior .....	George Clack
Editor executivo.....	Guy E. Olson
Gerente de produção .....	Christian Larson
Assistente de gerente de produção .....	Sylvia Scott
Revisora de português .....	Marília Araújo

---

Conselho editorial..... Alexander C. Feldman  
Francis B. Ward  
Kathleen R. Davis  
Marguerite P. England

Foto da capa: Estudantes a caminho das aulas na Escola de Ensino Médio Lowell, em Lowell, Massachusetts AP/WWP

O Escritório de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica cinco revistas eletrônicas com o logo eJournal USA – *Perspectivas Econômicas, Questões Globais, Questões de Democracia, Agenda de Política Externa* e *Sociedade e Valores*. Elas analisam as principais questões enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional, bem como a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições do país. Cada revista é catalogada por volume (o número de anos em circulação) e por número (o número de edições publicadas durante o ano).

A cada mês sai uma revista nova, que no prazo de duas a quatro semanas é seguida de versões em francês, português, espanhol e russo. Algumas também são traduzidas para o árabe e o chinês.

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo do EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais. Nesse caso, é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

O Escritório de Programas de Informações Internacionais mantém os números atuais e os anteriores em vários formatos eletrônicos, bem como uma relação das próximas revistas, em <http://usinfo.state.gov/journals/journals.htm>. Comentários são bem-vindos na embaixada dos Estados Unidos no seu país ou nos escritórios editoriais:

Editor, eJournal USA: Society & Values  
IIP/T/SV  
U.S. Department of State  
301 4th St. S.W.  
Washington, D.C. 20547  
United States of America  
E-mail: [ejvalues@state.gov](mailto:ejvalues@state.gov)

# SOBRE ESTA EDIÇÃO



Krisanne Johnson/Casa Branca

Soraya Sulti, diretora regional da INJAZ (à esquerda) e alunos da Escola de Descoberta da Escola de Ensino Médio Swaifiyeh de Amã, Jordânia, falam sobre suas experiências a Laura Bush e à rainha Rania (no centro, à direita) em 22 de maio de 2005. A INJAZ promove espírito empreendedor e liderança comunitária entre os jovens jordanianos ensinando-lhes empreendedorismo, ética empresarial, liderança e envolvimento comunitário.

**N**ão deveria ter sido surpresa. Deveríamos saber o que aconteceria. Afinal de contas, também já fomos adolescentes. E, na verdade, alguns de nós até já criaram um ou dois jovens.

Mas fomos ficando cada vez mais nervosos à medida que as semanas passavam sem uma única resposta à mensagem enviada às escolas de nível médio do país, convidando os alunos a apresentar redações sobre sua vida e atividades. As redações seriam o ponto alto de nossa revista sobre a vida dos adolescentes. Já estávamos imaginando que teríamos de cancelar a edição. Mas logo procuramos encontrar uma saída pedindo que nossos escritores colaboradores entrevistassem alguns adolescentes.

Foi aí que surgiu o que seria o equivalente a um tsunami de e-mails. Redações de todo o país inundaram nossa caixa de correspondência no último dia do prazo determinado por nós. E, claro, foram pingando mais algumas nos dias seguintes. Então, nos lembramos de que protelação é uma das características do comportamento adolescente; as outras são energia e criatividade. De repente, tínhamos em mãos grande quantidade de bom material e um novo problema: o que fazer com tudo aquilo.

Após algumas conversas, decidimos agrupar trechos condensados em seções temáticas. Com a ajuda de diversas fotos, a matéria resultante oferece grande variedade de idéias e perspectivas atuais sobre a vida do adolescente nos Estados Unidos.

E ninguém melhor que a primeira-dama, Laura Bush, para apresentar nossa edição à juventude internacional. Desde sua chegada à Casa Branca, em janeiro de 2001, ela vem dedicando tempo e energia consideráveis a questões de educação, saúde e

direitos humanos. Viaja muito e fala ao público jovem com bastante frequência. Em uma carta aos leitores, ela escreveu: "Pensem em como se preparar para o futuro. Pensem sobre os hábitos, habilidades e conhecimentos que os ajudarão a ter sucesso na escola."

Um educador que vem conquistando nossa admiração há anos com seus freqüentes artigos nos jornais *Washington Post* e *USA Today*, *bem como em* outras publicações nacionais, é Patrick Welsh. Ele descreve suas experiências e observações como professor de inglês em escola de ensino médio no subúrbio de Washington, D.C.

O editor associado Michael Bandler, sempre em busca de perfis famosos ou procurando recrutar alguma celebridade para programa do Departamento de Estado no exterior, conseguiu duas entrevistas para esta edição. Suas conversas com o fenômeno internacional do futebol americano, Freddy Adu, e com o Professor do Ano, Jason Kamras, representam matérias inspiradoras sobre realizações extraordinárias.

Centenas de estudantes estrangeiros participantes de intercâmbios matriculam-se em escolas de ensino médio

americanas todos os anos. O romancista Robert Taylor registrou as impressões de três deles, que freqüentaram uma escola de ensino médio de



Krisanne Johnson/Casa Branca

Laura Bush visita o Centro de Saúde da Comunidade Indígena Americana em Phoenix, Arizona, em 26 de abril de 2005, terça-feira.

Ohio no ano passado. E, como de fato nem todos os estudantes se

matriculam em instituição educacional, pensamos ser interessante traçar o perfil de uma família que adota o ensino em casa. O jornalista Chuck Offenburger encontrou essa família na Carolina do Sul e nos contou como aqueles pais educaram seus quatro filhos quase inteiramente em casa.

O fotógrafo Barry Fitzgerald tem especial predileção por todo e qualquer serviço que o tire do escritório; por isso, pedimos que fosse à região central de Virgínia passar alguns dias em companhia de estudantes durante a última semana de aulas. O portfólio produzido por ele completa nossa cobertura a contento, mostrando uma panorâmica geral sobre a vivência de adolescentes do ensino médio nos EUA.

– Os editores



## **SOCIEDADE E VALORES**

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / JULHO DE 2005 / VOLUME 10 / NÚMERO 1  
<http://usinfo.state.gov/journals/journals.htm>

---

### **ADOLESCENTES AMERICANOS**

- 3 Com os Cumprimentos da Primeira-Dama**  
LAURA BUSH  
Em suas viagens pelo país e no exterior, a primeira-dama dos EUA tem pedido que os adolescentes contem a ela seus planos e preocupações e os tem aconselhado a “escolher amigos com qualidades dignas de admiração... que façam aflorar o que vocês têm de melhor”.
- 4 Conquista de Corações e Mentos**  
PATRICK WELSH  
Segundo o autor, professor de inglês, uma das coisas que o fazem voltar ano após ano para seus alunos de uma grande escola metropolitana de ensino médio é “o desafio de estar em sintonia com eles e eles comigo”.
- 7 Como Vamos à Escola**  
Esta tabela mostra a seqüência pela qual os alunos passam nos sistemas de ensino fundamental e médio.
- 8 Em Suas Próprias Palavras**  
Estudantes de todas as partes dos EUA conversam sobre escolas e comunidades, amor por música e esportes, atividades religiosas e de voluntariado e planos para o futuro.
- 29 Escola em Casa**  
CHUCK OFFENBURGER  
O perfil de uma família da Carolina do Sul retrata uma tendência pequena, porém crescente, nos EUA de pais educarem os filhos em casa.
- 31 Da Europa Central para o Norte de Ohio**  
ROBERT TAYLOR  
Três estudantes de intercâmbio internacional, um rapaz e uma moça da Alemanha e uma moça da Eslováquia, conversam sobre o ano em que estudaram juntos em escola de ensino médio de uma pequena cidade de Ohio.
- 34 Lições Aprendidas: Conversa com o Professor do Ano**  
ENTREVISTA DE MICHAEL J. BANDLER  
Jason Kamras, Professor do Ano de 2005 dos EUA, comprometeu-se a superar as desigualdades no sistema de educação pública.
- 38 Vitórias Precoces como Atleta e como Estudante**  
ENTREVISTA DE MICHAEL J. BANDLER  
Freddy Adu tornou-se sensação nacional quando, com 14 anos, ingressou em time de futebol profissional (futebol internacional) e recebeu diploma do ensino médio.
- 41 Rito de Passagem**  
FOTOGRAFIAS: BARRY FITZGERALD  
Assistir às últimas aulas, assinar anuários escolares, esvaziar armários e ensaiar músicas são algumas das atividades que precedem a cerimônia de formatura na Escola de Ensino Médio James Monroe, em Fredericksburg, Virgínia, registradas por nosso fotógrafo na última semana letiva.
- 45 Bibliografia**
- 47 Recursos na internet**

# COM OS CUMPRIMENTOS DA PRIMEIRA-DAMA



Joe Cavaretta, AP/WWP

Legenda: A primeira-dama, Laura Bush, costuma falar a grupos de profissionais da educação e de estudantes. Para fotos relacionadas, visite [www.usinfo.state.gov/itsv/0705/firstlady.htm](http://www.usinfo.state.gov/itsv/0705/firstlady.htm)

Queridos jovens,

**E**stou encantada com seu interesse em descobrir o que os adolescentes americanos têm a dizer sobre sua vida, valores, esperanças e sonhos. As redações e as reflexões nesta revista eletrônica lhes darão uma idéia sobre os vários tipos de dia-a-dia dos adolescentes nos Estados Unidos, bem como sobre suas metas, ambições e preocupações.

Como mãe, ex-professora e bibliotecária de escola - e eu mesma uma adolescente alguns anos atrás - estou plenamente ciente de que a saúde e o bem-estar de uma comunidade ou país dependem em grande medida da saúde e do bem-estar dos jovens. Quando sabem que os adultos ao seu redor se importam com eles e lhes oferecem estabilidade, sabedoria e amor, os adolescentes se desenvolvem naturalmente. Quando esses fatores não estão presentes, o crescimento saudável é prejudicado, e as esperanças dos jovens podem se esvaír.

Em minhas viagens por nosso país e muitos outros, descobri com os adolescentes que, embora possam se preocupar com o futuro, muitas vezes eles estão mais preocupados com o presente. A maioria deles está pronta e ansiosa para absorver as lições que possam ajudá-los a ter êxito na vida - e é grata aos adultos dispostos a investir

tempo e esforço em ensiná-los. Quando a energia que os adultos têm para ensinar é condizente com a que os jovens têm para aprender, o resultado são vidas mais sólidas e uma sociedade mais fortalecida.

Sempre sou requisitada para aconselhar os adolescentes e, nessas ocasiões, é isto que eu digo a eles: Lembrem-se de que vocês são os responsáveis por sua felicidade e encontrem meios de propagar felicidade para os outros. Sorriam e digam "olá" na escola a alguém que pareça estar sozinho ou infeliz. Escrevam a um amigo que tenha se mudado e possa estar com dificuldade para adaptar-se ao novo ambiente. Manifestem sua gratidão a um professor preferido. Ofereçam ajuda espontânea em casa.

Curtam as amizades atuais e façam novos amigos. Escolham amigos com qualidades dignas de admiração - honestidade, inteligência, bondade e senso de humor - e que façam aflorar o que vocês têm de melhor.

Pensem em como se preparar para o futuro. Pensem sobre os hábitos, habilidades e conhecimentos que os ajudarão a ter sucesso na escola. Eles são os mesmos que os farão ter êxito na vida. Dediquem o maior tempo possível a leituras e leiam sobre muitos assuntos. Vocês aprenderão bastante, sempre conseguirão divertir-se e se tornarão interessantes para outras pessoas.

Meu maior desejo para os adolescentes de todas as partes do mundo é que em sua vida sempre haja adultos para lhes mostrar, tanto pelo ensino quanto pelo exemplo, as habilidades necessárias para que possam assumir seus lugares na sociedade como membros seguros, produtivos e felizes. A mais fundamental dessas habilidades é a capacidade de ler e escrever bem. Como Embaixadora Honorária da Década da Alfabetização, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), estou trabalhando para garantir que em todo o mundo se ensine a meninos e meninas desde tenra idade como se tornarem os melhores leitores e escritores possíveis. Com essa base fundamental, tudo o mais fica mais fácil de aprender, possibilitando êxito na vida.

Agradeço ao Escritório de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA a oportunidade de me dirigir a todas as pessoas que lêem esta revista e aguardo ansiosa para saber como ela foi recebida pelos jovens de todo o mundo.

Afetuosamente,

# CONQUISTA DE CORAÇÕES E MENTES

Patrick Welsh

*Veterano professor de inglês no ensino médio discute as alegrias e frustrações de dar aulas em uma escola metropolitana dos Estados Unidos. Com todos os seus sucessos e problemas, as escolas são, invariavelmente, reflexos da sociedade a que atendem. O autor trata da questão dos alunos sem motivação, muitos deles de famílias de baixa renda, assim como dos alunos com alto desempenho, grande parte deles imigrantes determinados a vencer. “Uma das coisas que me fazem sempre voltar”, diz ele, “...é a alegria de estar com jovens – o dar-e-receber, o desafio de estar em sintonia com eles e eles comigo, ter participação, embora pequena, nas vidas da próxima geração”. A força da economia e do desenvolvimento tecnológico dos Estados Unidos parece contradizer a acusação, repetida década após década, de que as escolas estão falindo e de que a reforma educacional se faz urgente. “Nós professores devemos estar fazendo alguma coisa certa”.*

*Patrick Welsh, que em setembro completa 36 anos como professor, contribui com frequência para vários jornais americanos de circulação nacional com ensaios sobre o ensino médio.*

**E**nsino inglês na Escola de Ensino Médio T.C. Williams em Alexandria, na Virgínia. Muitas vezes, quando falo isso a alguém que acabei de conhecer, as reações têm um quê de condescendência ou de perplexidade. “Você deve ser corajoso! Como consegue?”

Matérias da mídia sensacionalista sobre violência e baixo desempenho parecem dar a algumas pessoas a noção de que as escolas de ensino médio americanas são locais de desordem e perigo, onde só trabalham as pessoas que não conseguiram arrumar outro emprego. Infelizmente, a vida interna complexa, estimulante, exasperante, desafiante e recompensadora das escolas, vida que espelha muito da sociedade americana, permanece um mistério para o grande público.

Uma das coisas que me fazem sempre voltar – em setembro completo 36 anos de trabalho na T.C. – é a alegria de estar com jovens – o dar-e-receber, o desafio de estar em sintonia com eles e eles comigo, ter participação, embora pequena, nas vidas da próxima geração.

## UM ESTÍMULO ESPECIAL

Há um estímulo especial em ensinar numa escola como a minha, na qual 87 países estão representados no nosso corpo discente. Ano após ano, jovens de locais em conflito no

mundo inteiro acorrem a Alexandria. Dei aulas a alunos que fugiram do Vietnã nos últimos vôos que saíram de Saigon; crianças que haviam lutado no Camboja e em Serra Leoa; crianças que caminharam de El Salvador ao México e atravessaram o Rio Grande a nado para chegar ao Texas.

Muito antes do 11 de setembro, quando muitos americanos não sabiam achar o Afeganistão no mapa, eu e meus colegas conhecíamos as cidades de Cabul e Candahar. Lá nasceram muitos dos meus alunos favoritos. Para mim, a cara do Afeganistão não são aquelas imagens de conflito que vemos no noticiário noturno da TV, mas a da afegã Jamilah Atmar, que vendia cachorro-quente em uma barraca no centro de Washington e conseguiu formar os três filhos – Harir, Zohra e Raza – em faculdades da Virgínia. Fico imaginando se ensinei àquelas crianças tanta literatura quanto elas e suas famílias me ensinaram sobre a aldeia global que habitamos.

As crianças imigrantes muitas vezes trazem com elas uma ética de trabalho e um amor pela aprendizagem que põem muitos de seus pares americanos no chinelo. No ano passado, em minhas turmas de Advanced Placement - AP (cursos especiais no ensino médio para obtenção de créditos universitários) dei 11 prêmios por excelência. Três dos prêmios foram para imigrantes: Aminata Conteh, de Serra Leoa; Fajana Ahkter, de Bangladesh; e Essay Giovanni, da Etiópia. Enquanto muitos de seus colegas reclamavam de que ler Shakespeare ou Faulkner era “difícil demais”, Aminata, Farjana e Essay se dedicaram ao trabalho e tiraram A [as melhores notas].

Eu seria desonesto se não admitisse que gosto de dar aulas às turmas de AP mais do que às chamadas turmas regulares. Não apenas tenho mais controle das turmas, mas também posso ensinar mais literatura. Muitos alunos de minhas turmas regulares são tão avessos à leitura que se dizem entediados mesmo quando levo páginas do caderno de esportes dos jornais, na tentativa de estimular seu interesse.

## DIAMANTES NÃO CULTIVADOS

Pode parecer estranho, mas as turmas com melhor frequência são geralmente as regulares, em que os alunos me dão mais trabalho. Para alguns desses alunos, a escola é o lugar onde está a ação, o local para “estar com meus amigos”. É também o lugar que lhes oferece uma presença estruturada e consistente de adultos, que para muitos falta em casa. Apesar das dificuldades que possam causar, uma das minhas maiores satisfações como professor é descobrir os diamantes brutos em minhas turmas regulares. Essas crianças dão



Patrick Welsh

trabalho e usam a máscara dura da rua para esconder o fato de que são brilhantes.

Lembro de uma menina que freqüentava uma turma regular há alguns anos. Pelas histórias que contava na segunda de manhã parecia ser a chefe de uma gangue feminina de rua. Mas quando eu lhe dava um livro, que para os outros alunos levava três semanas para ler, ela voltava um ou dois dias depois com tudo lido e entendido e pedia outro livro. Tentei convencê-la a se transferir para uma das minhas turmas de AP, mas ela disse que “havia brancos demais naquelas turmas”.

(Infelizmente, o fato de as chamadas turmas avançadas serem freqüentadas predominantemente por alunos brancos inibe a adesão das minorias). Ninguém na família dela fizera faculdade, mas eu ficava dizendo para ela que teria de ser a primeira. Após terminar o ensino médio, ela ficou um ano de folga, e a última notícia que tive dela é que estava freqüentando uma faculdade comunitária.

Algumas das maiores emoções da profissão surgem de repente, anos após a formatura de um aluno. Às vezes surgem quando alguém bate à porta da sala de aula. Dois anos atrás, abri a porta e me deparei com um homem de aparência distinta vestindo um uniforme de oficial da Marinha. Fazia 18 anos que eu não via Wyman Howard, mas o reconheci imediatamente. O jovem que eu lembrava como piadista, bagunceiro e pouco disciplinado tornara-se comandante de uma força especial de operações (Seals) da Marinha. Estava em Alexandria em visita à mãe após uma missão no exterior e passara na escola para me cumprimentar. Outra vez, quando abri a porta lá estava uma mulher negra alta e sofisticada. Parecia jovem demais para ser mãe de aluno, mas assim que ouvi sua voz percebi que era Lettie Moses. Acabara de se formar na Faculdade Smith e estava a caminho da Escola de Direito da Universidade de Michigan. Lettie cresceu nos “conjuntos” – moradias para famílias de baixa renda financiadas pelo governo federal. A mãe e o pai de Lettie estavam determinados a vê-la vencer. “Passei para dizer oi”, disse. Conversamos um pouco, pondo os acontecimentos dos últimos quatro anos em dia. Acho que o que Lettie estava realmente me dizendo era: “Querida que soubesse que venci”. O que eu queria dizer para ela era: “Se você soubesse como estou emocionado em vê-la. É para isso que serve o ensino”.

O momento mais chocante e inesperado aconteceu no ano passado quando fiquei trabalhando até tarde na minha sala de aula. A televisão estava ligada no programa *News Hour with Jim Lehrer* do Sistema Público de Radiodifusão. Nem olhei quando Lehrer disse: “Agora diretamente de Bagdá, o correspondente do New York Times Edward Wong”. De repente, reconheci uma voz que ouvira 15 anos atrás e vi Ed Wong, da turma de 1991 da TC, informando de Bagdá os detalhes de um ataque de insurgentes que ocorrera naquele dia. Lembro de uma brilhante imitação que Ed fez de mim procurando papéis na bagunça de minha

escrivadinha, mas pensei que cursara medicina. Quando o vi, fiquei ao mesmo tempo chocado, emocionado e preocupado com sua segurança. Quando ele veio para o Natal, fomos tomar café, e Ed me disse que minhas aulas e as de uma outra professora, Jacqueline Hand, o fizeram abraçar a literatura; aceitei o elogio, mas sabendo que ninguém ensina nada a um cara como Ed – a gente só observa, não atrapalha e tenta não causar qualquer prejuízo. Mas agora quando leio suas reportagens na primeira página do New York Times, me gabo de uma coisa: pelo menos consegui reconhecer aquele talento quando tinha 17 anos.

## RECONHECIMENTO DE TALENTOS

Graças a Deus tive percepção suficiente para reconhecer o talento de Kathryn Boo. Lembro-me de ficar encantado com um ensaio que escreveu sobre Eveline, conto de James Joyce. Ali estava uma menina magrinha e ruiva de 17 anos, mas que aparentava ter 12, escrevendo com a percepção de uma mulher com o dobro de sua idade e um estilo tão gracioso e claro que fiquei deslumbrado. No fim do ano, quando chegou a hora do prêmio de redação, fiquei dividido – nenhum outro aluno chegava perto do talento de Kate, mas ela havia faltado muitas aulas perto do fim do ano. Embora contra meus princípios de disciplina, terminei dando o prêmio a Kate. Anos depois, quando ela ganhou um Prêmio Pulitzer por uma série de artigos brilhantes que escreveu para o Washington Post e logo em seguida o Prêmio MacArthur Genius, tudo o que consegui pensar foi: graças a Deus não fui bobo de recusar a reconhecer seu grande dom quando era adolescente.

De certo modo, nunca vejo mudança de ano para ano. Meus alunos começam o ano como estranhos, e no final muitas vezes tenho de conter as lágrimas quando estão próximos de partir. Entretanto, sei que na realidade as coisas mudaram muito desde que Kate terminou o curso em 1981 e Ed em 1991. Hoje em dia, mais do que nunca, os professores lutam para ganhar corações e mentes – na verdade apenas a atenção – dos adolescentes. Com mensagens instantâneas, e-mail, internet, jogos de computador, DVD, vídeo, TV a cabo e milhares de outras formas de fuga e diversão acenando da mídia eletrônica, está mais difícil do que nunca um adolescente se dedicar a um livro, achar um ambiente silencioso para se concentrar e entrar no estado mental necessário para a leitura de um romance ou a resolução de uma equação.

Algumas das vitórias que obtive sobre a mídia eletrônica ocorreram quando eu menos esperava. Há dois anos, criei coragem e adotei *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen pela primeira vez em 20 anos. Embora ache que as meninas gostariam do livro, tinha certeza de que os meninos iriam odiá-lo. Mas a reação de Luis Cabrerra foi quase suficiente para eu ganhar o ano. Cabrerra é um fanático por esportes que parecia saber tudo sobre os times profissionais locais, especialmente sobre o Washington Redskins. Nunca me dera a impressão de que seria candidato à Sociedade Jane Austen, mas eu estava errado. “Logo que Darcy entrou em cena”, disse Luis, “eu de fato me interessei. Ele tinha um jeito tão

legal de tratar as meninas, nunca se sentia pressionado com relação a elas. Terminei o livro por causa dele”.

## O MITO DAS ESCOLAS COM PROBLEMAS

Como a sociedade americana, as escolas enfrentam muitos desafios, mas ainda acho que minha escola ou as escolas do país não têm tantos problemas quanto os políticos e especialistas em educação nos fazem acreditar. O mito de que as escolas americanas estão em situação precária tem uma longa história. Richard Rothstein, do Instituto de Política Econômica, *think tank* independente, assinala que as reclamações sobre as deficiências dos estudantes em leitura e matemática, desconhecimento da história, preparação inadequada para o mercado de trabalho, currículos não direcionados, falta de educação moral – tudo o que você pode pensar – são reclamações comuns há mais de um século. Em 1892, quando menos de 6% dos alunos que terminavam o ensino médio iam para a faculdade, o Conselho de Curadores de Harvard divulgou um relatório denunciando que apenas 4% dos candidatos “conseguiram escrever um ensaio, ter boa ortografia e fazer a pontuação correta de uma frase”.

Em 1983, um estudo encomendado pelo governo Reagan denominado “Uma Nação em Risco” alertava que uma “onda crescente de mediocridade” havia invadido nossas escolas, de modo que o próprio futuro da economia americana estava ameaçado. “Nem que seja para manter e aumentar a magra vantagem competitiva que ainda temos nos mercados mundiais”, escreveu Terrell Bell, então secretário de Educação, “precisamos nos dedicar à reforma de nosso sistema educacional”.

O senso comum me leva a tirar uma conclusão bem diferente: Se nossas escolas estavam tão ruins em 1983 e, na opinião de muitos dos chamados reformadores, igualmente ruins hoje, por que a economia e a tecnologia americanas são invejadas no mundo? Nós professores devemos estar fazendo alguma coisa certa. Parece que quanto mais a pessoa está distante da vida cotidiana das escolas, tanto mais negativa – e irrealista – torna-se a percepção. Por exemplo, pesquisas Gallup mostram que enquanto apenas 20% dos adultos do país dão às escolas nota A ou B, 72% dos pais dão A ou B às escolas onde seus filhos estudam. O conhecimento gera satisfação.

Minha escola recebe refugiados do mundo inteiro, lhes ensina inglês e, em muitos casos, os envia para as melhores universidades da nação. Criamos programas para manter as jovens com bebês na escola, de modo que possam ter empregos decentes e não entrar no cadastro do bem-estar social quando se formarem. Enviamos nossa equipe de remo para a Inglaterra para participar da Regata Real de Henley, competição de maior prestígio do mundo no gênero. Os tipos de alunos que abrigamos sob o mesmo teto e os serviços que lhes prestamos são tão variados quanto o próprio país. Nem sempre somos bem-sucedidos, mas os que criticam constantemente as escolas públicas não conseguem aceitar a realidade da sociedade americana atual, seus problemas sociais, sua glória, sua maravilhosa variedade. O ensino médio público não tem outra escolha, mas aceitar a realidade que se reflete nas crianças americanas e os desafios que impõem. Quem se der ao trabalho de observar de perto o que as escolas estão fazendo e o que nossos adolescentes estão conquistando ficará impressionado. ■

---

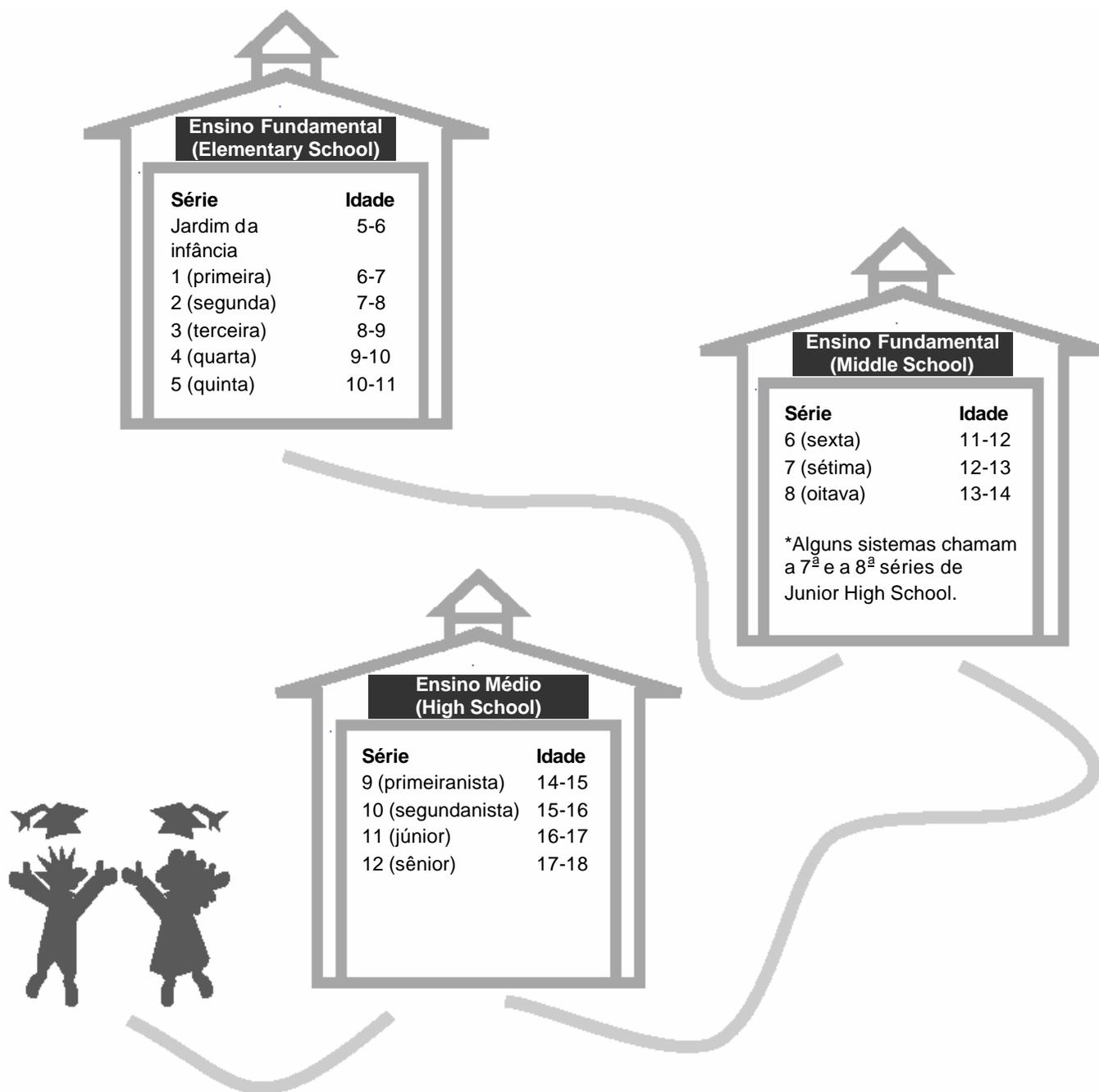
*As opiniões expressas neste artigo são de responsabilidade do autor e não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# COMO VAMOS À ESCOLA

A educação nos Estados Unidos é controlada e administrada em âmbito local. Conseqüentemente, há muita variação de um estado para outro e mesmo em um mesmo estado. A estrutura básica, no entanto, inclui 12 anos de ensino regular, precedidos de um ou dois anos de educação pré-escolar e seguidos, para muitos, de um sistema

de ensino superior de quatro níveis (licenciatura curta, bacharelado, mestrado, doutorado), além de vários certificados e diplomas sem titulação.

Esta tabela mostra a seqüência pela qual os alunos passam nos sistemas do ensino fundamental e médio.



Fonte: Adaptado de General School Information, publicação on-line do Departamento de Educação do Colorado. [www.cde.state.co.us/index\_home.htm]

# EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS

## ADOLESCENTES AMERICANOS DÃO UMA IDÉIA DO QUE PENSAM, FAZEM E SENTEM

O que não falta são livros, artigos e trabalhos de pesquisa acadêmica descrevendo a vida e o comportamento dos adolescentes nos Estados Unidos. Em vez de agregar mais vozes adultas à enorme quantidade de análises e opiniões, decidimos pedir a adolescentes que falassem um pouco sobre si mesmos. Com a ajuda de algumas organizações educacionais do país, enviamos convites para que estudantes apresentassem ensaios—escritos ou em vídeo—sobre assuntos como suas escolas, práticas religiosas, passatempos, vida social, tentações, experiências de trabalho e planos para o futuro. Prometemos um pequeno prêmio para a melhor apresentação nas duas categorias.

Na categoria vídeo, premiamos David E. Currie, de 17 anos, estudante da Escola de Artes de Baltimore em Maryland por sua produção *Patinação é uma Arte*. Pode-se assistir ao vídeo na internet em

[www.usinfo.state.gov/itsv/0705/ijse/skating.htm](http://www.usinfo.state.gov/itsv/0705/ijse/skating.htm). Entre os vários e excelentes ensaios escritos, escolhemos o de autoria de Ian McEuen, da Escola de Ensino Médio Walt Whitman em Bethesda,

Maryland, como o melhor. Pode-se lê-lo na íntegra na próxima página. É seguido de trechos resumidos de vários outros ensaios apresentados, bem como de algumas entrevistas com estudantes, realizadas por nossos editores colaboradores. Estudantes de ensino médio de Montana a Flórida, da Califórnia a Nova York e de outros Estados estão aqui representados. A maioria deles tem planos de freqüentar a faculdade, mas alguns escolheram rumos diferentes para sua vida. Você poderá ler sobre sua paixão pela música, seu compromisso com atividades voluntárias, sua dedicação aos esportes e seu enorme entusiasmo com os planos para o futuro. Naturalmente, é impossível representar todos os pontos de vista, as opiniões e as experiências dos adolescentes americanos; contudo, esperamos que os comentários das

páginas que se seguem dêem uma indicação sobre o que pensam, como passam o tempo e os sonhos para o futuro. ■



Jovens eufóricos assistem ao concerto Live 8 em Filadélfia, Pensilvânia, em 2 de julho de 2005, um dos numerosos eventos realizados no mundo todo para promover o desenvolvimento econômico da África

Joseph Kaczmarek, AP/WWP

# EU CANTO O CORPO ELÉTRICO EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS

Ian McEuen

Sou músico. Tenho 17 anos e estou na 11ª série. Minha escola, a Escola de Ensino Médio Walt Whitman [<http://www.waltwhitman.edu/>], é assim chamada em homenagem ao grande poeta americano da Guerra Civil dos EUA e do período de imigração que se seguiu – época na qual os Estados Unidos sentiram as maiores dores da divisão, sofreram em seguida os crescentes tormentos da diversidade e se tornaram um “caldeirão cultural” de nacionalidades.

Walt Whitman é considerado o maior poeta americano e também o maior poeta da democracia. Talvez porque viu as feridas causadas pela Guerra Civil (estudou medicina por um tempo), Whitman abraçou a fraternidade, o homem comum e uma visão inclusiva do mundo:

*Ouço o canto da América, as diferentes canções eu escuto...  
Cada qual cantando o que se refere a ele ou ela e a ninguém  
mais...*

(“Ouço o canto da América”, de Walt Whitman, estrofes 1 e 7)



Membros da banda Big Black Cat, a partir da esquerda, Michael Barrett, Ian McEuen, Colin Kelly, Will Donnelly e Will Maron

Ele é mais lembrado pelo extenso poema da obra *Folhas de relva*, também conhecido como a *Canção de mim mesmo*.

Meu interesse nesse assunto não é somente histórico. Como disse, sou músico.

*Mas sou o meu próprio instrumento musical.* Sou cantor. E, como cantor, vivenciei o que Whitman queria dizer – o poder da voz de romper fronteiras e abrir passagens. Quando canto, deixo a platéia entrar pelo vão da porta, vislumbrar e compartilhar a beleza da música. Esse compartilhamento pode ocorrer igualmente entre povos. A música é a única linguagem universal, e os músicos podem abrir portas entre culturas, aproximando nações.

Os poemas de Whitman celebram a proximidade e a fisicalidade. “Eu canto o corpo elétrico”, escreveu, “o presente aqui e agora, / o turbilhão ativo, fervilhante, complexo da América”. (“Eu canto o corpo elétrico”, estrofe 1 e “Eidolons”, estrofes 25 e 26). É com esse espírito que descreverei o “aqui e agora” no “turbilhão” da vida desse cantor americano adolescente que vos fala.

Meu dia começa às 5h45, que é a hora em que acordo e tomo banho de chuveiro. Para mim, cantar no chuveiro é uma necessidade primordial! Preciso aquecer a minha voz logo no início de um longo dia vocal. Meus exercícios vocais têm se destacado pelo fato de acordar meus pais e nossos quatro gatos de estimação. “Deixo soar meu grito bárbaro sobre os telhados do mundo”, escreveu Whitman. Meu real objetivo não é gritar ou berrar, mas cantar bonito. Posso não ser um grande cara, mas meus sonhos são imensos. Sonho cantar um dia a ária “Nessun Dorma” da ópera *Turandot* de Puccini no palco da Ópera Metropolitana, de Nova York. Meu sonho é ser um grande cantor de ópera.

Também canto e represento no teatro musical – no verão de 2004 cantei na peça *Sweeney Todd*, produzida pelo Teatro de Verão de Wildwood, companhia teatral composta inteiramente de jovens, e no último trimestre desempenhei o papel de Marius em *Os Miseráveis*, produzido pela minha escola. Também canto rock 'n roll. Sou vocalista da Big Black Cat, banda composta por meus amigos da escola. Compomos músicas originais (eu escrevo a letra) e temos o site (<http://www.purevolume.com/BigBlackCat>). Acho que Walt Whitman teria tudo a ver com ela: “Se fosse vivo hoje, o velho Walt estaria tocando rock and roll”. (David Haven Blake, citado no artigo de Peter Carlson, “Walt Whitman, Taking Poetic License” - Walt Whitman, Usando de Licença

Poética). Temos tocado em boates de Washington, D.C., para levantar recursos para pesquisas sobre a doença de Parkinson e para vítimas do Tsunami na Ásia em 2004.

De volta à vida cotidiana. Após um rápido café da manhã (com minha xícara de chá com mel diária), eu vou para a escola, que está apenas a alguns quilômetros da minha casa. As aulas começam às 7h25. Neste semestre estudo latim, pré-cálculo, inglês, psicologia, coro masculino e coro de câmara e trabalho como assessor estudantil do mestre de



Walt Whitman (1819-1982)

## EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS

coros em um período de aula. Começo o dia cantando, canto com o coro masculino pela manhã, pratico canto durante o período de almoço e termino o dia cantando com o coro de câmara. Após o final das aulas às 14h10, quase sempre fico na escola para praticar canto ou ensaiar para outras atividades escolares como peças, concertos, festival de artes, exibição de talentos e “batalha de bandas”.

Depois volto novamente para casa, onde ouço gravações de rock e de ópera e preparo música para apresentação. No momento estudo canções em francês, italiano e inglês: “Lydia”, de Gabriel Fauré, “Amarilli, mia bella”, de Giulio Caccini, e “The Roadside Fire” e “Loch Lomond”, seguindo os arranjos de Ralph Vaughan Williams. Com as três primeiras, consegui o primeiro lugar entre os cantores masculinos de nível avançado da escola de ensino médio nos Testes de Apresentação de Alunos da Região do Meio Atlântico da Associação Nacional de Professores de Canto.

Atuei como solista da última canção em Orlando, Flórida, durante a viagem musical de campo de 2005 da minha escola.

Após essas horas íntimas em companhia da minha música, saio geralmente para uma corrida pelo bairro para espárecer um pouco. Depois disso, faço meus deveres de casa até meus pais voltarem do trabalho e nós nos reunirmos para o jantar. Em seguida termino minhas lições e, antes de dormir, vejo televisão ou DVD (em geral, ópera) ou baixo canções da internet. Nos fins de semana tenho aula com minha professora de voz, Myra Tate, recupero o sono perdido, ponho em dia as tarefas escolares e depois saio com os meus amigos.

E uma vida cheia de exigências, bem parecida com a de um atleta, mas vale a pena. Meu objetivo é estudar desempenho vocal em uma universidade ou conservatório no próximo ano e, algum dia, cantar nos grandes teatros de ópera ao redor do mundo. Como me diz a professora Tate: “Os cantores de ópera são os atletas olímpicos da vocalização.” Até agora, a música abriu passagem para

minhas apresentações no palco comunitário e da minha escola, nas salas de concerto de centros universitários e de artes e nos principais espaços de rock da minha região. No terceiro trimestre, viverei Borsa, da ópera *Rigoletto* de Verdi, meu primeiro papel lírico, em uma produção do Festival de Música de Verão de Bethesda – o mesmo papel interpretado por Plácido Domingo, o grande tenor e diretor-geral da Ópera Nacional de Washington, em sua própria estréia operística.

Portanto, vivo cada dia plenamente, energizado pela minha paixão pela música e por meu crescimento como cantor. Para mim, as

palavras de Walt Whitman soam mais uma vez verdadeiras: *Certamente morrerias se não pudesses cantar.* (“Quando os lilases floriram pela última vez”, estrofe 4).



Foto: Daniel Hoffman  
Ian McEuen, segundo a partir da esquerda, na produção de *Sweeney Todd* do Teatro de Verão de Wildwood, em exibição na Escola de Ensino Médio Quince Orchard em Gaithersburg, Maryland

## DIFERENTES ESCOLAS

**A**s escolas refletem a diversidade das grandes e pequenas cidades e aldeias. Além de seu papel primordial na educação, elas são geralmente focos de atividades comunitárias. Podem servir também para recepcionar grupos cívicos, montar produções de teatro comunitário e estabelecer locais de votação durante as eleições locais e nacionais.

O Censo de 2000, o último disponível, apresenta instantâneos regionais de 16,3 milhões de alunos



Luke Palmisano, AP/WWP

matriculados em escolas de ensino médio neste ano e os índices de formandos. O Sul populoso tinha 5,7 milhões de alunos em escolas de ensino médio, o Oeste 3,8 milhões, o Meio Oeste 3,7 milhões e o Nordeste, com o menor número de estudantes de ensino médio, 3,02 milhões. Além disso, cerca de 1,1 milhão de alunos são “educados em casa”, isto é, em vez de freqüentarem instituições públicas ou privadas, eles são educados pelos pais, sem sair de casa.



© Paul Warchol Photography/Long Island City High School, Gruzen Samton LLP

matriculados em escolas de ensino médio neste ano e os índices de formandos. O Sul populoso tinha 5,7 milhões de alunos em escolas de ensino médio, o Oeste 3,8 milhões, o Meio Oeste 3,7 milhões e o Nordeste, com o menor



Dom Ryan, AP/WWP

## EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS

Minha classe tem 53 estudantes. Ganhamos e também perdemos alguns deles com o passar dos anos, mas a maioria de nós continuou a freqüentar a escola junto desde o jardim da infância. Todos se conhecem realmente bem em sua classe – pode-se chamar cada um deles pelo nome – e isso vale muito bem para toda a escola e também para a maior parte dos moradores da cidade.

As pessoas que freqüentam escolas maiores pensam provavelmente que, em comparação com elas, as escolas pequenas não dispõem de muitas oportunidades, mas em minha opinião isso não é verdade. Menor número de alunos significa de fato mais oportunidades para todos os que se encontram aqui. É possível participar

de um número bem maior de atividades, pois todas requerem sua colaboração. Portanto, para quem desejar participar de um time esportivo, peça da escola, grupos musicais ou o que quer que seja - a oportunidade de jogar ou representar é maior do que se imagina.

Na área acadêmica talvez não tenhamos o mesmo número de cursos encontrados em algumas das grandes escolas, mas acredito que a nossa escola realiza um trabalho muito bom. Se não temos o curso de nível avançado de que necessitamos, a escola nos ajuda a realizá-lo seja por meio da faculdade comunitária ou por meio da ICN [rede de telecomunicações interativa que liga todas as escolas do Estado].

Uma das coisas que amo nesse tipo de escola pequena como a nossa, com essas cidades pequenas e todas as fazendas ao redor, é que a escola funciona como ponto de união entre elas. É o foco central de vida aqui. Os jogos têm significado muito importante para uma escola pequena. Os jogos de futebol americano, vôlei e basquete atraem muitas centenas de pessoas, mas o que realmente me agrada é que os musicais e as peças têm tanto público quanto os jogos de bola.

Esse tem sido um lugar maravilhoso para crescer. E, quando ando pelas ruas, todo mundo sabe meu nome. Gosto disso.

*Anna Peterson, 17, 11ª série, Escola de Ensino Médio Prairie Valley, Gowrie, Iowa [http://www.gowrie.k12.ia.us]*

Este é o meu último ano na escola de tamanho médio que freqüento em uma comunidade suburbana de Minnesota. Falo da Escola de Ensino Médio Centennial, que tem em média 550 alunos por série e recebe estudantes de



Foto: Chuck Offenburger

Anna Peterson em frente do celeiro na fazenda de sua família em Iowa. Primeira aluna da classe, ela também joga na equipe de vôlei da escola, canta em suas apresentações e é bastante ativa nas organizações da igreja e de serviços

Fotos de cima para baixo: Escola de Ensino Médio Long Island City, bem próximo da cidade de Nova York; Escola de Ensino Médio Hudson, em Hudson, Ohio, subúrbio de Cleveland; Escola de Ensino Fundamental Adel, em Adel, Oregon

## EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS

algumas pequenas cidades vizinhas. A escola de ensino médio é fonte de vida em nossa comunidade para jovens e adultos.

O apoio dado à nossa escola pela comunidade pode ser comprovado pela afluência de pessoas de todas as esferas sociais que assistem a um jogo de futebol americano em uma sexta-feira à noite. Em meio à multidão, encontram-se famílias que vieram ver os filhos jogar, aficionados dos esportes locais e até mesmo cidadãos da terceira idade que podem descrever o time em seus primórdios. O melhor exemplo disso ocorre geralmente no último trimestre, quando a escola realiza o jogo anual de futebol americano de “volta ao lar”. Os ex-alunos voltam ao lugar para assistir ao mais importante jogo de futebol da temporada regular. Antes do jogo, os estudantes realizam um desfile, pintam as cores da escola em seus rostos e exibem alta dose de espírito escolar.

A Escola de Ensino Médio Centennial oferece aulas que são um desafio mesmo para os estudantes mais brilhantes. As aulas abrangem grande variedade de assuntos—desde aprender como se prepara biscoitos até aprendizagem da ciência e matemática ensinadas na faculdade. Conselheiros, técnicos e professores, todos enfim, ajudam a preparar os alunos para os caminhos futuros. Um estudante tem quatro aulas durante o dia, cada uma delas em uma sala de aula diferente. E também tem recreio de meia hora para o almoço. A escola, nos subúrbios [das cidades gêmeas Mineápolis-St. Paul], é o centro da vida adolescente e parte do que somos.

*David Lucas, 18, 12ª série, Escola de Ensino Médio Centennial, Circle Pines, Minnesota*  
[<http://www.centennial.k12.mn.us/chs>]

Minha escola, que é uma instituição privada, tem cerca de 650 meninas que vão do jardim da infância à 12ª série. Ela está localizada no Upper East Side da Cidade de Nova York. Como amo minha escola! São muitas as oportunidades culturais e educacionais oferecidas por ela. Por exemplo, o Museu de Arte Metropolitano está apenas a cinco quarteirões de distância, e o visitamos com muita frequência para vivenciar de fato tudo que aprendemos nas aulas. Outra coisa de que eu gosto é o fato de ela ser relativamente pequena e muito unida e de todos nós formarmos uma comunidade fraterna. Particpei de atividades e esportes comunitários, inclusive softball e vôlei. Na verdade, fomos os campeões de vôlei do estado de Nova York no ano passado. Minha escola

também realiza um excelente trabalho de preparação acadêmica para ingresso na faculdade. Pretendo me matricular em uma universidade da Pensilvânia no próximo e último trimestre. O único aspecto negativo que eu posso de alguma forma associar a ela é a longa distância que devo percorrer diariamente na ida e na volta. Moro no Bronx e tenho de utilizar metrô e ônibus para chegar à minha escola em Manhattan. Isso significa cerca de 45 minutos a uma hora para cada percurso.

*Denise Bailey-Castro, 18, 12ª série, Escola The Chapin, Nova York, Nova York* [<http://www.chapin.edu>]

Esse é um excelente lugar para se frequentar a escola de ensino médio porque a comunidade é profundamente unida e, com toda probabilidade, é a essa instituição que dão o maior apoio. Pessoas de muitos lugares diferentes

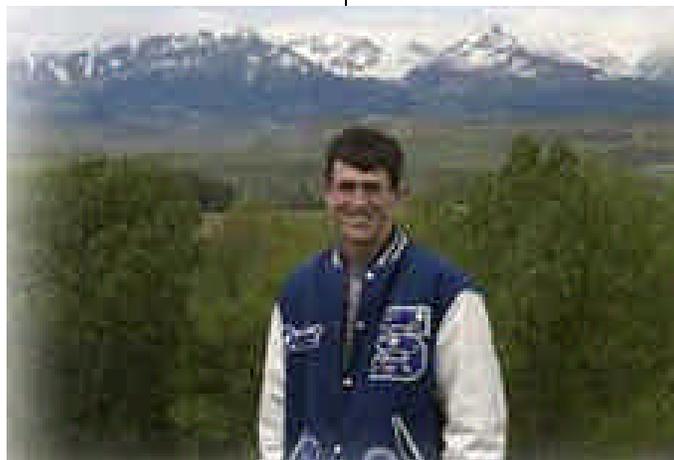
estabeleceram-se aqui para trabalhar nas minas e nas fazendas, caçar e pescar, aproveitar toda essa vida ao ar livre. Portanto, novas pessoas continuam a aparecer o tempo todo, e Big Timber é tão pequena que acaba sendo muito fácil tornar-se parte da comunidade. Amigos da escola em geral fazem ponto na casa um do outro – em especial se o lugar dispõe de uma mesa de sinuca ou de pingue-pongue.

Muitas pessoas – recém-chegados e outros que vivem aqui há várias gerações – têm a oportunidade de se

conhecer nos eventos da escola. Diria que pelo menos metade da cidade e praticamente todos aqueles que moram no interior vão aos nossos jogos de futebol americano. Não são tantos os que assistem aos jogos de basquete, mas assim mesmo o suficiente para encher o ginásio. É a mesma coisa acontece quando se trata de concertos. Os jogos, os concertos e outros eventos escolares proporcionam um ponto de encontro para todos.

Tenho muita sorte de estar onde estou. Também tenho a certeza de conhecer todo mundo que estava na classe sênior no ano passado e todos que estarão nas três primeiras classes do próximo ano. Deve haver alguns novos calouros que ainda não conheço, mas que com certeza logo conhecerei. Algumas vezes penso sobre isso – como é bom conhecer todos os seus companheiros de escola. Nas escolas muito grandes, o mais comum é encontrar novas pessoas em sua própria classe todos os dias.

*David Foster, 17, 11ª série, Escola de Ensino Médio do Condado de Sweet Grass, Big Timber, Montana*  
[<http://www.sweetgrasscounty.com/sghs>]



David Foster frequenta uma escola que atende a um condado de Montana de 89 quilômetros de extensão e 56 quilômetros de largura, com uma população de apenas 3.584 pessoas

# ENTENDIMENTO INTERCULTURAL EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS

**O**s rostos dos adolescentes americanos espelham a enorme diversidade da sociedade dos EUA. Os jovens têm grande facilidade de fazer amigos de diferentes etnias, religiões e raças. Como aconteceu em décadas passadas, novos imigrantes continuam a se estabelecer nos Estados Unidos, inclusive em áreas rurais pouco povoadas, em busca do sonho americano.



AP/WWP



Marry Gash, AP/WWP

Hoje, os hispânicos constituem a minoria que mais rapidamente cresce no país, com uma população estimada em 41,3 milhões. De acordo com o Escritório do Censo dos Estados Unidos, em julho de 2004, 240 milhões de americanos se identificavam como brancos, 39,2 milhões como negros, 14 milhões como asiáticos e 4,4 milhões como índios americanos ou como nativos do Alaska.



AP/WWP

Fotos de cima para baixo: Participantes de programa de um ano com estudantes judeus e negros do ensino médio para promover melhores relacionamentos raciais comentam detalhes de sua viagem recente da cidade de Nova York a Memphis, Tennessee; um monitor de ensino e alguns estudantes, todos eles imigrantes hmong do Camboja, fazem o "Juramento de Lealdade" na Escola de Ensino Médio Sheboygan South, em Sheboygan, Wisconsin; professora-estudante A melia Rivera, membro da tribo indígena Tlingit, ao lado de um pôster da Sealaska em Ytaakoosge Daakahidi, escola de ensino médio alternativa, em Juneau, Alaska, que conta com verba especial para desenvolver um currículo temático sobre o indígena americano

Meu nome é Cindy Ramirez. Tenho 17 anos e sou da Cidade do México, mas agora estou morando em Lafayette, Indiana. Cheguei aos Estados Unidos há dois anos, porque toda a minha família já morava aqui e eu queria aprender mais inglês. Agora que estou aqui, tenho tentado conhecer novas pessoas e dominar ainda mais o idioma, pois todas as minhas aulas são em inglês.



Cortesia: Cindy Ramirez

Quando cheguei aos Estados Unidos, eu não sabia inglês muito bem, mas, com o tempo e a ajuda da minha professora, melhorei bastante. Agora eu consigo falar, ler e escrever mais do que quando cheguei; o importante é tentar aprender mais e mais. Eu tento prestar atenção em qualquer conversa e me concentro muito na pronúncia.

Cindy com dois amigos durante uma visita à Disney World em Orlando, Flórida

No futuro, espero usar todo o inglês que estou aprendendo, pois meu desejo é ir para a faculdade e para isso vou precisar falar e escrever muito bem. Meu maior sonho é entrar na faculdade.

*Cindy Ramirez, 17, 11ª série, Escola de Ensino Médio McCutcheon, Lafayette, Indiana*  
[<http://www.wvec.k12.in.us/McCutcheon/>]

Depois de estudar latim durante dois anos do curso médio, agora estou usando o idioma todos os dias! Quase tudo que eu falo e escrevo em inglês é derivado do latim.

O que eu mais gosto no curso de latim é a parte de mitologia e história. Usando as fábulas antigas traduzidas por nós e o valioso conhecimento adquirido no dia da cultura (um dia ao final de cada semana dedicado só à cultura greco-romana), consigo chegar às origens das palavras. No curso de psicologia, aprendi que algumas teorias importantes receberam o nome dessas fábulas. Por exemplo, a teoria freudiana [do Complexo de Édipo] recebeu o nome de Édipo, personagem da mitologia grega. Na minha preparação para o teste geral para ingresso na faculdade, o latim tem sido útil na identificação do significado das palavras das quais não tenho certeza, com isso garantindo maior chance de melhorar minha pontuação.

Fico pensando no dia em que vou conseguir explicar a cultura e mitologia gregas, a sociedade romana, as raízes científicas e as referências religiosas clássicas na língua latina. Vou viajar com minha turma para a Itália para aumentar os

## EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS

conhecimentos culturais sobre a história italiana, bebendo diretamente da fonte.

*Kimberlee Lower, 17, 11ª série, Escola de Ensino Médio St. Mary' Ryken, Leonardstown, Maryland*  
[<http://www.smrhs.org/>]

Todos os grupos étnicos e crenças estão representados nos Estados Unidos, e o fato dessa junção ter resultado em algo harmonioso é na verdade uma maravilha. A mídia não consegue captar esse estado de coisas em toda sua extensão; é preciso realmente vivenciar. Eu estive no Canadá, Japão e Vietnã, onde meus pais nasceram. Fico contente por saber falar e ler em vietnamita, pois esse é um aspecto importante da minha vida.

*Huyen Nguyen, 18, 12ª. série, Escola de Ensino Médio James Monroe, Fredericksburg, Virgínia*  
[<http://www.cityschools.com/jmhs/>]

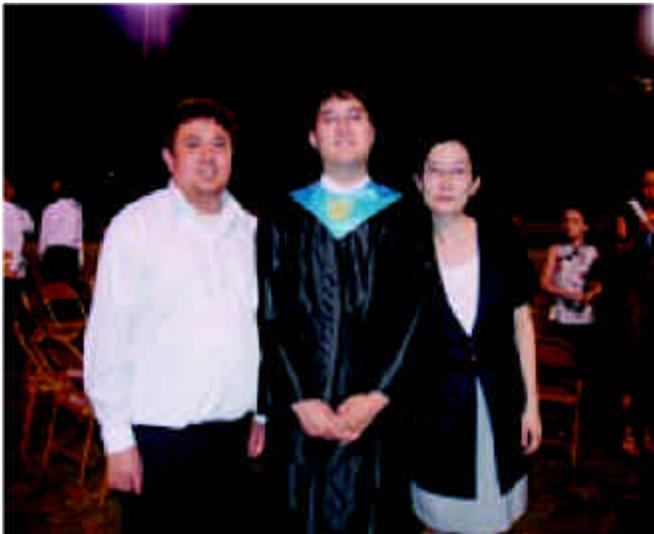


Foto de família

Huyen com os pais, logo depois de receber o diploma do curso médio

Eu nasci no México. Minha língua materna é o espanhol e inglês é meu segundo idioma. Quero aprender uma terceira língua, provavelmente português ou italiano. Sou o primeiro na minha família a frequentar a escola nos Estados Unidos.

Quando cheguei aqui, eu tinha só 12 anos de idade. Meus conhecimentos de inglês eram muito precários. O idioma foi o primeiro problema enfrentado, e às vezes ainda tenho dificuldade para falar, mas existe sempre alguém para me ajudar. O segundo problema que eu enfrentei foi a cultura e o modo diferente de vida. As culturas do México e dos Estados Unidos não são tão diferentes assim, mas existem algumas coisas muito diferentes. A comida, por exemplo o almoço na escola, era muito diferente daquilo que eu costumava comer em meu país. Com o passar do tempo, comecei a incorporar meu novo estilo de vida.

José, elegantemente vestido e pronto para sair



Estou agora na 11ª série. Só mais um ano e recebo o meu diploma. Pretendo cursar a faculdade no México. Espero que vocês aprendam alguma coisa comigo e minhas experiências. Lembrem-se de que tudo é possível quando desejamos realmente alguma coisa.

*José F. Ponce Granados, 17, 11ª série, Escola de Ensino Médio McCutcheon, Lafayette, Indiana*

[<http://www.wvec.k12.in.us/McCutcheon/>]

Cheguei aos Estados Unidos em 14 de agosto de 2004. Esta é a primeira vez que estou entre adolescentes americanos e é muito diferente do Afeganistão. Estou gostando muito da experiência. O método de ensino é diferente; por exemplo, aqui você escolhe os cursos que quer fazer, o que eu acho ótima idéia. O relacionamento entre professores e alunos me surpreendeu, pois é mais amistoso, aberto, não é formal como no Afeganistão. E é disso que gosto sobre o ensino daqui. Ao mesmo tempo, é importante não extrapolar os limites das relações amistosas e faltar com o respeito. Eu noto que alguns alunos desrespeitam os professores e não gosto nem um pouco disso.

*Ghizal Miri, 16, 12ª série, Escola de Ensino Médio James Monroe, Fredericksburg, Virgínia*  
[<http://www.cityschools.com/jmhs/>]



Barry Fitzgerald

Ghizal acredita na importância de demonstrar respeito

## PLANOS FUTUROS

**A** educação abre as portas para todas as carreiras. Conforme revelam as pesquisas, até o ano 2010, um de cada cinco empregos nos Estados Unidos terá como requisito um diploma universitário e praticamente um terço de todos os empregos exigirá ao menos algum tipo de formação superior do candidato. Por isso, não é de surpreender que 34% da população de jovens adultos americanos (com idades entre 18 e 24 anos)

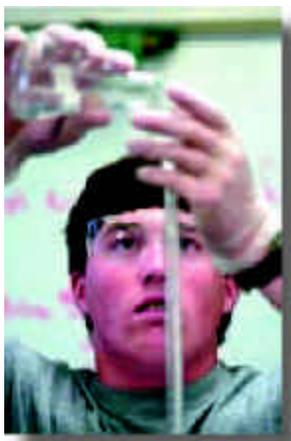


Marcio Jose Sanches, AP/WWP



Richard Drew, AP/WWP

estejam indo para a universidade depois do ensino médio. Os que não pretendem cursar o ensino superior têm diversas outras opções de ocupação depois de terminar o ensino médio - o comércio, os empregos no setor de serviços, o serviço militar (que muitas vezes garante o financiamento do curso superior posteriormente) e as empresas familiares.



AP/WWP

Fotos de cima para baixo: Uma conselheira (à esquerda) dá orientação acadêmica a uma aluna da Escola de Ensino Médio San Rafael, em San Rafael, Califórnia; um aluno da Escola de Ensino Médio A. E. Smith, na cidade de Nova York, testa os controles de equipamento de terraplenagem em uma feira de construção civil destinada a despertar o interesse de estudantes para o setor de construção; um estudante realiza experiência de ciências na Escola de Ensino Médio Ione, em Ione, Oregon

## EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS

No meu caso, planejar o que fazer depois do ensino médio é um pensamento assustador. A idéia de ter de deixar minha zona de conforto e sair para o “mundo real” é um tanto quanto amedrontadora. Algumas pessoas freqüentam uma faculdade comunitária, algumas vão para a universidade e outras, para uma faculdade normal. Eu quero estudar na Academia Naval dos Estados Unidos, em Anápolis, Maryland. Decidi me esforçar ao máximo – física e mentalmente. Isto significa também que vou ser oficial da Marinha dos Estados Unidos. A Academia Naval oferece diversos cursos, de engenharia aeroespacial a ciência política. Eu gostaria de me formar em negócios ou em ciência política.

As pessoas formadas em academias militares são indivíduos muito determinados e bem estruturados. A outra vantagem de entrar para uma academia é que, depois de formado, automaticamente você tem um ótimo emprego, e o salário é muito bom! Quase não existem pontos negativos, [mas] acho que se tivesse de apontar algum seria o fato de os indivíduos que estão na Academia não serem tão livres para fazer o que gostariam [como em] outras faculdades. Mas, para mim, esse é um aspecto positivo. Mantém os jovens livres de problemas e com muitas chances de serem bem-sucedidos.

*Casey Czarzasty, 17, 12ª série, Escola de Ensino Médio St. Mary's Rykenl, Leonardstown, Maryland*  
[<http://www.smrhs.org>]

Algumas pessoas têm dificuldade em descobrir o que querem fazer depois do ensino médio. Para mim isso não é tão difícil assim - eu já sabia desde a primeira série que queria ser professora. Pensei nessa profissão por causa da minha professora da primeira série; depois, quando cheguei à terceira série, tive a certeza de que era isso o que queria ser. Tive professores maravilhosos na escola e, a meu ver, isso me ajudou a tomar a decisão.

Alguns dos pontos positivos sobre saber o que quero fazer e aonde quero chegar é que eu posso me concentrar e me esforçar ao máximo para alcançar minha meta. Também posso ter a certeza de que estou cursando as matérias certas no ensino médio para me tornar professora depois da faculdade.

*Kelsey C. Bell, 15, 9ª série, Escola de Ensino Médio McCutcheon, Lafayette, Indiana*  
[<http://www.wvec.k12.in.us/McCutcheon/>]

Quero ser neonatologista, médico especializado em cuidar de recém-nascidos, principalmente os prematuros ou os que têm icterícia ou algum outro problema do tipo. Tudo começou quando eu era pequena. Tive uma babá, uma garota que mais tarde foi estudar na Universidade Duke. Ela queria ser médica e despertou em mim o interesse pela medicina. Então, desde a sétima série, tenho me concentrado na idéia

## EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS

de ser neonatologista. Este ano me inscrevi em um curso especial chamado "estudo independente", no qual você pode escolher alguma coisa em que tenha interesse. Você faz pesquisa, tem um orientador por 18 semanas e apresenta um projeto no final. Tive a oportunidade de acompanhar as atividades de um médico no hospital, um neonatologista. Consegui ver exatamente o que eles fazem e as diferentes tecnologias usadas para manter os bebês vivos.

*Kristen Grymes, 17, 12ª série, Escola de Ensino Médio James Monroe, Fredericksburg, Virgínia*  
[<http://www.cityschools.com/jmhs>]

Decidi entrar para a Força Aérea dos Estados Unidos. Em parte por razões financeiras, embora eu tenha sempre acreditado que as pessoas devam fazer sua parte para ajudar a construir um futuro melhor e ajudar a preservar o que temos.

Se eu acabar gostando da Força Aérea depois de passar quatro anos lá, provavelmente vou continuar e fazer carreira. Mas, por enquanto, pretendo usar as Leis de Direitos e Benefícios dos Veteranos de Guerra [que paga os custos da faculdade para militares veteranos] para entrar na faculdade e estudar psicologia, que é o que suponho querer como carreira.

Tenho interesse em psicologia de uma forma geral, porque me fascina a forma como o cérebro funciona e faz as pessoas agirem de uma forma ou de outra. Estou pensando em me especializar em aconselhamento psicológico, pois gostaria de poder ajudar as pessoas que têm problemas a viver vidas mais felizes e mais saudáveis. Tenho interesse também em psicologia forense, que me permitiria ajudar a encontrar criminosos e garantir que a justiça seja feita, tornando o mundo mais seguro para minha família e todos ao meu redor.

*Evan Hoke, 19, 12ª série, Escola de Ensino Médio Red Landl, Etters, Pensilvânia*  
[[http://classrooms.wssd.k12.pa.us/red\\_land.cfm](http://classrooms.wssd.k12.pa.us/red_land.cfm)]

Acredito firmemente nas leis que regem nosso país, estados e cidades. Mas, assim como acontece com qualquer outra coisa, sempre existem oportunidades para melhoria e mudanças. Acredito ser a pessoa que possa ajudar a mudar para melhor algumas das leis em vigor atualmente.

Os alicerces para o meu futuro começam com estágios de verão em órgão do governo, durante todo o ensino médio e a faculdade. Há tanta coisa que uma pessoa pode aprender nos livros. Na faculdade, governo e psicologia serão minhas áreas de estudo. Acredito ser imprescindível saber como funciona o governo, mas ser capaz de compreender o que os cidadãos de meu país pensam é igualmente importante.

Depois da faculdade, acho que viajar para o exterior vai ser importante para mim. Com o conhecimento e experiências adquiridos nas minhas viagens, pretendo fazer o curso de Direito. Acho que conhecimento nunca é demais. Pretendo obter o título de doutor em governo e psicologia além do de advogado. Gostaria também de ter o título de Juiz Morgan Atwell. Trabalhando duro e mantendo uma reputação exemplar, não vai demorar muito para eu concorrer ao cargo de senador. O trabalho duro está só no começo.

*Morgan Atwell, 15, 9ª série, Escola de Ensino Médio McCutcheon, Lafayette, Indiana*  
[<http://www.wvec.k12.in.us/McCutcheon>]

Não sou uma pessoa que adora estudar, como muitos de meus amigos e colegas de classe. Estou querendo "pôr a mão na massa" e por isso entrei para o Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos. Vou para o campo de treino de Parris Island, Carolina do Sul, e depois treinar por mais seis meses em Pensacola, Flórida, para ser mecânico da aviação. Talvez eu fique por lá e faça carreira no Corpo de Fuzileiros Navais. Não sei. Caso contrário, gostaria de aproveitar o treinamento que tiver no Corpo de Fuzileiros Navais para trabalhar como mecânico na aviação civil.

Mas, logicamente, primeiro tenho de passar pelo treinamento básico. Sei que existem riscos, mas gostaria de proteger meu país porque, antes de tudo, tenho muita fé nele.

*Colin Smith, 18, 12ª série, Escola de Ensino Médio W.T. Woodson, Fairfax, Virgínia*  
[<http://www.fcps.k12.va.us/WTWoodsonHS>]

Quero estudar Direito internacional. Tenho interesse em Direito, pois vejo que em meu país existem poucas mulheres atuando nesse campo. Quero trabalhar em prol dos direitos das mulheres, o que é muito importante. Quero voltar para o Afeganistão e ajudar meu país.

*Ghizal Miri, 16, 12ª série, Escola de Ensino Médio James Monroe, Fredericksburg, Virgínia*  
[<http://www.cityschools.com/jmhs>]

**T**rabalhar duro e pagar suas próprias contas são valores importantes nos Estados Unidos. Muitas crianças aprendem isso ao receber uma mesada – pequeno pagamento semanal ou mensal – para fazer as tarefas domésticas. Posteriormente, elas costumam arrumar um emprego de meio expediente após as aulas ou nos fins-de-semana para pagar suas despesas, fazer poupança para a faculdade, ganhar experiência prática e adquirir senso de independência. As oportunidades são muitas e variadas – de entregar jornais a tomar conta de crianças de vizinhos, de empacotar



Joel Page, AP/WWP



Daniel Hulshiezer, AP/WWP

os pratos das mesas em restaurantes. De fato, muitos jovens, independentemente do status econômico de sua família, recebem seu primeiro salário antes de entrar para o ensino médio. Mas, a fim de proteger as crianças da exploração do trabalho infantil, a legislação dos EUA estabelece a idade de 14 anos como idade mínima para a maioria dos empregos não agrícolas e limita a 18 horas a carga de trabalho semanal dos menores de 16 anos no período escolar.



Fotos de cima para baixo: Estudantes do ensino médio de Maine têm folga da escola para trabalhar na colheita da estação; DJs discutem a seleção de músicas na estação de rádio WCVH, que transmite da Escola de Ensino Médio Hunterdon Central, em Flemington, Nova Jersey; estudantes trabalham na livreria Gibson's Book Store, em Lansing, Michigan

Consegui meu emprego quase por acidente. Meu irmão havia acabado de entrar para um grupo de escoteiros e precisávamos comprar seu uniforme. Enquanto meus pais faziam compras na loja Boy Scout Supply, eu esperava na porta. Depois de alguns minutos, o gerente da loja veio até mim e perguntou se eu estava interessada em um emprego. Na época, minha única renda vinha de trabalhos eventuais como baby-sitter, por isso aceitei; fui entrevistada e contratada ali mesmo.



Cortesia: Laura Voss

Laura recebe seu primeiro salário

Daquele dia em diante, toda quinta e todo sábado, minha mãe me leva até a loja onde trabalho como vendedora. Registro as compras dos clientes, coloco os itens nas sacolas, entrego-lhes o recibo e os libero. Além de operar a caixa registradora, uma vendedora tem de preencher relatórios que permitem aos escoteiros subir de posição, anotar os pedidos feitos por telefone e orientar os pais de lobinhos (escoteiros de 5 a 10 anos) na compra do seu primeiro uniforme. Não é fácil – no começo de setembro, quando os meninos entram para o grupo dos lobinhos aos montes, a loja fica lotada com pais confusos que precisam de orientação, passo a passo, em todo o processo. No entanto, nas outras épocas do ano a loja não tem tanto movimento, então geralmente dá tempo de pegar um refrigerante na máquina, fazer a lição de casa ou conversar com meus colegas de trabalho.

Mesmo não tendo mais muito tempo livre, eu adoro o meu trabalho. As pessoas com quem trabalho, inclusive meu chefe, são gentis, prestativas e divertidas; também, como quase todas são adultas, conversar com elas me dá uma perspectiva singular da vida no “mundo real”. Finalmente estou ganhando meu próprio dinheiro, o que significa que não preciso mais pedir dinheiro aos meus pais toda vez que quero comprar alguma coisa. Tenho um certo grau de independência que nunca tive antes. Ter um salário fixo me ensinou como administrar meu dinheiro da melhor forma, quanto economizar, quanto gastar e quanto custam realmente algumas coisas com as quais nunca me preocupei antes. (Eu não tinha idéia de como os calçados são caros até comprar o meu primeiro par).

Além disso, o trabalho me tornou mais comunicativa, me ensinou a falar com as pessoas de maneira profissional, a entender o que os clientes desejam simplesmente conversando com eles e a acalmar os gritos de uma criança. Mesmo tendo menos tempo livre, não trocaria meu trabalho nem as habilidades que desenvolvi por nada.

*Laura Voss, 16 anos, 11ª série, Escola de Ensino Médio Thomas S. Wootton, Rockville, Maryland*  
[<http://www.mcps.k12.md.us/schools/woottonhs/>]

## EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS

Embora não tenha realmente um emprego, trabalho muito depois das aulas. Uma das coisas que faço depois das aulas são todas as minhas tarefas domésticas, pois crio coelhos e porcos para mostrar no clube 4-H local. O 4-H é uma organização nacional que ajuda os jovens da área rural a desenvolver habilidades. É um lugar onde você encontra muitas pessoas diferentes, faz muitos amigos novos e se diverte bastante durante o verão.

Além disso, ajudo a tomar conta de meu irmão mais novo durante o verão e depois das aulas. Também gosto de estar com meus amigos sempre que possível. E ainda trabalho na casa de meus avós, cortando a grama do quintal e tirando o mato do jardim. Gosto de trabalhar. É bem divertido e nos dá responsabilidade. A lição de vida aprendida é que você tem de trabalhar para ter o que deseja.  
*Danielle Burdine, 17 anos, 11ª série, Escola de Ensino Médio McCutcheon, Lafayette, Indiana*  
[<http://www.wvec.k12.in.us/McCutcheon>]

Escola, estudos, atividades extracurriculares, religião, cinema e... trabalho, tantas coisas para fazer, tão pouco tempo. Mas o trabalho tem suas vantagens e suas desvantagens.

Algumas das vantagens são: dinheiro para gastos extras e a experiência do ambiente de trabalho. Outra vantagem é que o trabalho faz você se sentir mais independente porque pode satisfazer algumas de suas necessidades. Você também pode guardar dinheiro para pagar a faculdade ou para outros planos futuros. Alguns adolescentes ainda ajudam suas famílias.

Uma desvantagem é que os adolescentes podem não entender bem o significado do trabalho porque a maioria deles não paga contas, mas gasta o dinheiro com extravagâncias caras. Assim eles podem pensar que o dinheiro é somente para gastar e podem não aprender a poupar. Os estudantes que trabalham também podem passar a estudar menos porque não têm tempo para isso ou para outras atividades como a vida social com os amigos e a família.  
*Tirza Sevilla, 15 anos, 10ª série, Escola de Ensino Médio Wakefield, Raleigh, Carolina do Norte* [<http://wakefieldhs.net>]

Comecei a trabalhar na Hecht's [uma cadeia de lojas de departamento em vários estados do Leste dos EUA] no verão passado, na verdade por causa da escola. Estou fazendo um curso chamado Marketing III, e o curso exige que você arrume um emprego. É preciso acumular 396 horas de trabalho para realmente obter um segundo crédito. Então comecei a trabalhar na Hecht's em 12 de julho passado, no departamento de moda jovem, o que é difícil para mim porque procuro não gastar todo o meu dinheiro comprando roupas. Mas o trabalho é mesmo divertido e me ajudou a aprender muita coisa. Sou uma pessoa relativamente tímida, mas, como trabalho na caixa registradora, tenho de falar com as pessoas, conversar e controlar minhas emoções.  
*Kristen Grymes, 17 anos, 12ª série, Escola de Ensino Médio James Monroe, Fredericksburg, Virgínia*

# INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO

**O**s Estados Unidos são uma terra de muitos credos, e os adolescentes praticam sua religião de várias formas. Logo que iniciam os estudos de história americana, as crianças aprendem que a liberdade religiosa e a separação entre igreja e Estado são alguns dos princípios norteadores do governo do país. Cada pessoa é



Mark Humphrey, AP/WWP



Daniel Hulshizer, AP/WWP

livre para escolher e praticar sua religião. Muitos adolescentes tomam suas decisões influenciados pela família. Alguns freqüentam escolas administradas por grupos religiosos, e outros



Jim Cooper, AP/WWP

participam de programas após a escola ou nos fins de semana patrocinados pela igreja, sinagoga ou mesquita. Há ainda pessoas que preferem não praticar nenhuma religião. Muitas religiões têm adotado as marcas características da cultura juvenil contemporânea para atingir os jovens. Não é raro ver um grupo de rock cristão ou rappers muçulmanos ou cultos especiais para jovens em várias congregações.

Fotos de cima para baixo: Jovens oram em pequenos grupos na Igreja do Povo em Franklin, Tennessee; estudantes da Escola Noor-Ul-Iman participam da oração vespertina na Sociedade Islâmica da mesquita de Nova Jersey, em South Brunswick, Nova Jersey; um aluno da Escola de Ensino Médio Solomon Schecter, na cidade de Nova York, segura a Torá enquanto participa das orações matutinas

# EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS

Pratico minha fé por meio de minhas ações diárias. Tento conduzir os outros com meu exemplo e sempre faço escolhas que sejam coerentes com meus sólidos valores. Frequentar uma escola católica teve grande influência na maneira como pratico minha fé, e isso me ajudou muito em todas as dificuldades escolares. Minha fé me deu um sólido alicerce para minha vida e tem tido importante influência em toda minha vida.

*Maggie Boyle, 16, 11ª série, Saint Mary's Ryken, Leonardtown, Maryland [http://www.smrhs.org]*

No campo espiritual, as pessoas precisam ter noção de onde vieram, como chegaram aqui e para onde vão. Os americanos têm sorte de ter liberdade para escolher que religião devem seguir. Nasci em uma família cristã forte e solidária, e os valores que meus pais me passaram quando criança não mudaram muito à medida que cresço. Mas, como adolescentes, nossa maior influência são os amigos. Minha maior amiga tem uma fé tão forte quanto a minha, e usamos isso para nos sentir responsáveis. Quando as pessoas conhecem seus valores, elas não pressionam você a fazer coisas que você preferiria não fazer.

*Ashley Voigtlander, 18, 12ª série, Escola de Ensino Médio Centennial, Lino Lakes, Minnesota [http://www.centennial.k12.mn.us/chs]*

Minha religião tem uma influência relativamente grande em quem eu sou, como me comporto e como escrevo. O fato de ser judia me ensinou a questionar e tirar minhas próprias conclusões da Torá [Velho Testamento], não apenas aceitar o que a maior parte das pessoas toma como verdadeiro. Você pode pegar passagens da Torá e ligá-las à vida cotidiana, entendendo-as melhor.

Ser judia não significa ir ao templo toda sexta à noite e sábado de manhã ou ter de ser uma bat-mitzvah ou um bar-mitzvah (menina judia ou menino judeu que, com cerca de 13 anos, assume responsabilidades religiosas de adulto), ou ter sempre que usar a quipá e franjas (chapéu colado à cabeça e roupa de baixo com franjas retorcidas usada por judeus ortodoxos). Não significa que você deve acreditar sempre em uma coisa ou que não pode acreditar em uma coisa por causa de outra.

Ser judia é a forma de agir e o que se acredita, como ter respeito pela diversidade e ser aberta para aprender coisas novas, ajudando a ensinar aos outros. Aprendemos que as coisas mais importantes são respeitar um ao outro, praticar boas ações e manter a paz. Em nosso livro de orações aprendemos: "O que lhe é odioso, não o faça a ninguém. Isso é a Torá, todo o resto é interpretação." As crianças são muito influenciadas pela religião porque ela lhes é ensinada desde a mais tenra idade e, independentemente de quanto as outras coisas mudem, elas sabem que aquilo permanece.

## EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS



Foto de família

Cindy com seu pai em um evento de dança caipira patrocinado por sua sinagoga, Beth El Hebrew, em Alexandria, Virgínia

Mesmo nos Estados Unidos há muitos estereótipos sobre outras religiões, e meus amigos e eu conversamos sobre nossas religiões. Ensinamos uns aos outros e aprendemos que os estereótipos raramente são verdadeiros.

*Cindy Holden, 14, 9ª série, Escola de Ensino Médio West Springfield, Springfield, Virgínia*  
[<http://www.fcps.edu/westspringfieldhs>]

Minha família é da Índia e somos hindus. Nasci na Inglaterra. Chegamos aos Estados Unidos quando eu tinha oito anos e agora somos cidadãos americanos. Todo domingo, vou às reuniões de um grupo chamado Swadhyay [que significa auto-estudo em sânscrito, o idioma da Índia antiga]. Debates não apenas questões culturais, mas éticas também. Isso me ajuda a entender melhor a mim mesma e me mantém em contato com minha herança cultural.

*Aakash Chudasam, 14, 11ª série, Escola de Ensino Médio Oakton, Herndon, Virgínia*  
[<http://www.fcps.k12.va.us/OaktonHS>]

Nasci nos Estados Unidos, mas meus pais são de Mianmar. Somos budistas. Todo domingo vou a um templo budista em Maryland e tenho aula no idioma de Mianmar. Também vou aos cultos religiosos no templo e participo de obras de caridade, como doação de alimentos aos pobres. Quando nos mudamos de uma casa para outra, os monges do templo abençoaram a nova casa. Uma vez passei um fim de semana no templo para conviver com os monges e conhecer a vida monástica. Foi uma experiência de muito valor para mim e espero repeti-la no futuro.

*Nay Soe Lwin, 13, 9ª série, Escola de Ensino Médio Oakton, Herndon, Virgínia* [<http://www.fcps.k12.va.us/OaktonHS>]

Minha religião moldou minha vida de muitas formas. A lição mais importante que aprendi com minha religião, a católica romana, foi que preciso freqüentar a igreja. Ir à missa regularmente me ensinou a priorizar as coisas na minha vida. Para mim, a igreja vem primeiro, depois a família e os amigos e em seguida as outras coisas.

No mundo de hoje, é fácil a pessoa perder o rumo e ser envolvida pelo materialismo e pelas coisas e estilo de vida que supostamente a fazem “feliz”. Minha religião me ensinou o verdadeiro significado da felicidade e o que é de fato importante na vida.

*Alisha Weisser, 17, 11ª série, Escola de Ensino Médio St. Mary's Ryken, Leonardtown, Maryland* [<http://www.smrhs.org>]

Nasci nos Estados Unidos, mas minha família é da Índia. Somos muçulmanos. Pertencço a um grupo de jovens chamado “Muçulmanos em Ação” ou “MIA”. Os membros de nosso grupo MIA são de muitos países diferentes e, como eu, muitos deles nasceram nos Estados Unidos. Temos muitas atividades, inclusive eventos para arrecadar recursos para assistência às vítimas do tsunami e ajuda humanitária ao Iraque e ao Afeganistão, entre outros. Levantamos recursos de várias maneiras, inclusive vendendo bolos, biscoitos e lavando carros. Tenho orgulho de ser muçulmana, e a religião é parte importante de minha vida. A maioria dos alunos em minha escola não é muçulmana, mas isso nunca foi problema para mim. Tenho amigos de várias religiões.

*Ambreen Ali, 16, 12ª série, Escola Feminina Westridge, South Pasadena, Califórnia.*



Foto de família

Alisha na ocasião de sua Primeira Comunhão vários anos atrás

## EVITANDO TENTAÇÕES

**O**s jovens enfrentam muitos desafios durante a adolescência. A grande maioria dos adolescentes americanos consegue lidar com as pressões. Mas o desejo de ser independente e distanciar-se dos pais e de outras figuras que simbolizam autoridade algumas vezes levam os jovens a tomar atitudes das quais se arrependem mais tarde. A mídia tende a exagerar esse comportamento dos adolescentes ou a fazer sensacionalismo a respeito, mas não se pode negar que o problema existe – e os resultados podem ser muito



Matt York, AP/WWP

sérios. A vontade de explorar, de testar limites e de experimentar coisas novas – frequentemente acompanhada de um senso de invencibilidade – leva alguns jovens a comportar-se de maneira perigosa. Em 2003, o governo dos Estados Unidos divulgou que 30,5% dos jovens entre 12 e 17 anos disseram ter experimentado alguma droga ilegal pelo



Joe Marquette, AP/WWP

menos uma vez na vida, na maioria das vezes a maconha. Jovens que praticam atos sexuais antes do casamento correm risco de gravidez, HIV/Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. Numerosos grupos comunitários e organizações não-governamentais foram formados nas últimas décadas para ajudar pais, escolas, congregações religiosas e policiais a lidar com essas questões.



Willian Thomas Cain, AP/WWP

Fotos de cima para baixo: Uma adolescente olha pela janela de sua cela em centro de detenção de jovens, em Tohaci, Arizona; membros do movimento Estudantes contra o Ato de Dirigir sob o Efeito do Alcool fazem manifestação em frente ao Capitólio dos EUA para lançar campanha para reduzir o número de acidentes de automóveis fatais, envolvendo adolescentes embriagados; um transeunte observa memorial improvisado em Upper Providence, Pensilvânia, dedicado a cinco garotas mortas em acidente automobilístico, quatro das quais tinham indícios de difluoretano na corrente sanguínea

## EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS

Durante o curso de ensino médio, um estudante pode tomar muitas decisões erradas. Não importa o quão independentes as pessoas achem que são, ainda assim elas se deixam influenciar por outras pessoas. Eu sempre disse que nunca cederia à pressão dos meus colegas; entretanto, isso não foi tão fácil como eu pensava.

Somente após fazermos alguma coisa errada é que nos damos conta da estupidez que fizemos. Eu experimentei drogas e me meti em muitas confusões. Agora, tenho algo a aprender. Portanto, por favor, ouça a si mesmo e apenas a si mesmo. Você pode tomar suas próprias decisões se aprender com os meus erros.

*Tyler Tenorio, 16 anos, 11ª série, Escola de Ensino Médio Fort Lupton, Fort Lupton, Colorado*

Tenho 15 anos. Mesmo jovem como sou, já enfrentei problemas com drogas. Estive várias vezes em programas de reabilitação no último ano e meio. Mas finalmente me conscientizei dos efeitos que as drogas tiveram na vida.

Por cerca de sete meses lutei contra o vício da metanfetamina. Agora estou sob custódia legal devido às más escolhas que fiz naquele período. Mas isso tem me ajudado muito. Estou livre das drogas há cerca de seis meses e muito orgulhoso de mim mesmo. Estou envolvido em um programa de Tratamento Ambulatorial Intensivo, além de tomar parte nas reuniões de um grupo chamado Narcóticos Anônimos (NA). Os dois programas são muito bons e me ajudaram bastante. Eles me ajudaram a enxergar plenamente o que, na verdade, as drogas fazem com a vida da gente.

Eu desapontei muitas pessoas. Ter desiludido uma pessoa de quem gosto mais do que tudo no mundo é o pior sentimento que já tive. Nas reuniões do NA você aprende que não pode mudar da noite para o dia. Isso é verdade, e temos de enfrentar um dia de cada vez.

*Tenneil Ewing, 15 anos, 10ª série, Escola de Ensino Médio McCutcheon, Lafayette, Indiana*  
[<http://www.wvec.k12.in.us/McCutcheon>]

## VOLUNTARIADO

**M**uitos adolescentes desejam participar da comunidade, usar sua energia e seu entusiasmo para ajudar os outros. De acordo como o Voluntariado Jovem - EUA, organização que atua em parceria com milhares de organizações voluntárias e oferece oportunidades para jovens voluntários nos Estados Unidos, milhões de pessoas



Cristopher Berkey, AP/WWP

participaram do Dia Nacional do Voluntariado Jovem de 2005, que se configurou como o maior evento anual desse tipo no mundo. Jovens americanos deram aulas para



Jim Cole, AP/WWP

alunos do ensino fundamental, registraram novos eleitores, ensinaram noções de nutrição para a comunidade e distribuíram materiais de prevenção de HIV/Aids, entre muitas outras atividades. Como podemos ver nos depoimentos a seguir, eventos locais e globais motivam os estudantes americanos a dedicar parte de seu tempo e de sua energia para ajudar os outros em trabalhos voluntários.



Allen Oliver, AP/WWP

Fotos de cima para baixo: Voluntários fazem plantação em acampamento metodista, no Tennessee, cuja produção será distribuída a famílias de baixa renda; membros da organização Voluntariado pela Paz ajudam a abrir uma grande colônia de férias em Geneva Point, Moultonboro, New Hampshire; na Escola de Ensino Fundamental Chestnut Ridge, em Washington Township, Nova Jersey, estudante ajuda uma aluna mais velha em aula de informática patrocinada pelo distrito escolar pra cidadãos idosos

## EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS

O tsunami que atingiu o sul da Ásia no dia seguinte ao Natal comoveu por algum tempo todos os americanos; no entanto, em mim ele produziu uma mudança permanente. Assim como tantas outras pessoas no mundo todo, minha família e eu ficamos grudados na televisão nas horas seguintes à primeira notícia sobre a catástrofe. A idéia de centenas de milhares de pessoas sendo mortas em questão de minutos era para mim algo impossível de compreender.

O nome Chennai, Índia, mencionado com frequência nos noticiários, adquiriu um significado especial para minha família. Minha mãe trabalhou com Becky Douglas, uma senhora de Atlanta que havia fundado um orfanato recentemente naquele local. De repente, minha mãe se deu conta de que o orfanato estava bem na rota do tsunami. Por telefone, Becky nos contou que todas as crianças do orfanato, que ficava a poucos metros da praia, estavam fora de perigo, mas quase todas as crianças de um orfanato das imediações haviam sido mortas. Também ficamos sabendo que a economia das vilas de pescadores ao longo da praia havia sido destruída. Quando perguntamos qual seria a melhor maneira de ajudar essas pessoas, Becky respondeu que o bem-estar delas no longo prazo dependeria de sua capacidade de voltar a pescar. Quanto isso custaria? Becky nos disse que US\$ 11 mil seriam suficientes para consertar ou substituir os barcos e as redes de um vilarejo de 500 pessoas. Quando voltei para casa depois dos feriados, falei com o nosso diretor e pedi permissão para arrecadar fundos na The Bullis School [escola particular situada em um rico subúrbio de Washington, D.C.]. Ele consentiu, e três dias depois fiz uma apresentação para todos os alunos da escola para lançar a campanha. No primeiro dia da campanha – para nossa grande surpresa – levantamos mais de US\$ 4 mil. Até o fim da semana havíamos levantado mais que o dobro da quantia necessária e até agora já arrecadamos mais de US\$ 100 mil. Cem por cento desse dinheiro foi diretamente para a Índia.

Oito de meus colegas de classe e eu, junto com o diretor e vários outros adultos, decidimos passar os feriados da primavera na Índia, cada um pagando suas próprias despesas. O que aprendemos na Índia superou de longe o que havíamos aprendido com a arrecadação de recursos.

Passamos uma semana em Chennai, onde devotamos metade do nosso tempo ao orfanato e à escola que foram os primeiros a atrair nossa atenção e a outra metade a três colônias de leprosos. Trabalhar no orfanato foi fácil para todos nós, porque as crianças eram todas adoráveis. Deixá-las depois desse curto período de tempo é que foi difícil, e todos choramos ao partir. O trabalho nas colônias de leprosos foi muito mais difícil, mas, no fim, foi provavelmente o mais valioso. Nenhum de nós tinha experiência com pacientes portadores dessa doença. No princípio, tínhamos medo de chegar perto dos moradores da colônia, quanto mais de tocá-los. Mas nosso medo logo se desvaneceu quando vimos como eles ficavam alegres em receber pessoas de fora que demonstravam amor e interesse em ajudá-los. Nós os

## EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS

ajudamos em suas necessidades comunitárias, como na plantação de bananas, para colaborar com seus esforços para se tornarem auto-suficientes, mas a melhor parte foi ajudá-los individualmente. O ponto alto de minha viagem, e uma das coisas mais comoventes que fiz na vida, foi pentear e trançar os cabelos de uma mulher que havia perdido ambas as mãos e ambos os pés por causa da lepra. Até então, eu nunca tinha me dado conta do quanto se pode fazer por uma pessoa com simples gestos de amor.

*Lauren Elyse (Ellie) Prince, 16, 11ª série, Escola The Bullis, Potomac, Maryland [http://www.bullis.org]*

Todos os jovens devem procurar ser bons vigilantes do meio ambiente para o bem das futuras gerações. Desde bem novinho, sempre me interessei pelo meio ambiente. Na segunda série, entrei para o Clube de Ecologia da minha escola de ensino fundamental. Tentamos embelezar os jardins da escola e acompanhar os projetos de reciclagem. Aos oito anos de idade, aprendi que a boa vigilância do meio ambiente é uma necessidade.

No fim de 2004, apresentei um trabalho no Congresso de Centenário do Serviço Florestal dos EUA no qual abordei a questão do que é necessário para garantir que os jovens ouçam e atendam ao apelo para desenvolver práticas ambientais responsáveis, não apenas para esta geração, mas para o futuro. Foi uma experiência muito importante na minha vida. A exposição a filosofias políticas diferentes e a consciência dos conflitos envolvidos no gerenciamento dos recursos naturais abriram meus olhos para as difíceis escolhas que precisam ser feitas por aqueles que são responsáveis pela vigilância do meio ambiente. Ao pedir aos formuladores de políticas que incorporem o entusiasmo da juventude ao complexo processo de resolução dos problemas ambientais, espero ter contribuído para o futuro engajamento de jovens interessados e preocupados de nosso país.

O interesse pelo meio ambiente me proporcionou oportunidades extraordinárias de contribuir com tempo e talento. Aqueles realmente apaixonados por alguma questão precisam apenas se oferecer como voluntários e não lhes faltarão oportunidades de lutar pela causa de seu interesse.

*John T. Vogel, 17, 12ª série, Escola de Ensino Médio Jesuit, San Antonio, FL [http://www.jesuitampa.org]*

A mídia sempre cobre casos de adolescentes que se metem em encrencas, mas há muito mais adolescentes americanos causando impacto positivo em sua comunidade.

Um programa do qual participo como voluntário é o de orientador em uma de nossas escolas locais de ensino fundamental. Uma vez por semana, vou à escola e passo algum tempo com uma aluna da quinta série. Brincamos no parquinho ou vamos até a biblioteca e conversamos sobre como ela passou a semana. O programa foi desenvolvido para ajudar a orientar crianças com risco de ter problemas no futuro. Em minha opinião, esse é um dos programas de maior sucesso em nossa escola de ensino médio porque as crianças estão adquirindo autoconfiança desde pequenas. Tenho notado grande melhora nas crianças que têm orientadores, melhora essa que elas carregarão pelo resto da vida.

Ser capaz de influenciar a vida de outra pessoa é uma das razões pelas quais tantos adolescentes desejam dedicar parte de seu tempo a ajudar os outros. Algo tão simples quanto dedicar uma hora de seu tempo, menos de um por cento da semana, pode mudar drasticamente a vida de uma pessoa. Os adolescentes dedicam parte de seu tempo ao trabalho voluntário porque querem. Fazem isso porque têm bom coração, e não visando alguma recompensa. Mas mesmo não havendo recompensas concretas,

a experiência e a confiança que se adquirem não têm preço. *Kelsey Blom, 18, 12ª série, Escola de Ensino Médio Centennial, Circle Pines, Minnesota [http://www.centennial.k12.mn.us/chs]*

Todo ano minha igreja leva seus jovens membros ativos para uma viagem. No ano passado, fomos a Chicago e trabalhamos em um abrigo do Exército da Salvação – bem, eles não querem que o chamemos de abrigo, eles dizem “assistência à vida” ou algo parecido, mas o fato é que nós trabalhamos lá. Decoramos a creche e preparamos refeições para os moradores. Este ano iremos ao Canadá, e estou ansiosa para fazer essa viagem. Nos dois últimos anos, também fui a um acampamento cristão chamado “Friend



Foto de família  
Ellie com crianças do orfanato Rising Star Outreach em Chennai, Índia

## EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS

Camp”. Adolescentes de diferentes igrejas da região se reuniram na Fredericksburg Christian High School, uma escola particular de ensino médio, onde, por uma semana, trocamos nossas camas por colchões de ar e dormimos no chão.

Os organizadores escolheram dez casas de pessoas pobres e nós as consertamos. Foi muito bom porque eles nos separaram de modo que não ficamos apenas com pessoas de nossa igreja, mas com pessoas de todas as diferentes igrejas. Trabalhamos juntos e realmente pusemos a



Barry Fitzgerald

Ao ajudar a consertar casas de pobres, Kristen Grymes, mostrada aqui em sua formatura, demonstra que os jovens se importam com os outros

mão na massa. Por exemplo, tivemos de consertar o telhado de uma casa, o que envolveu a retirada de 11 camadas de linóleo antigo e a substituição do telhado. Tive de fazer coisas que nunca tinha feito antes. Algumas das pessoas que ajudamos achavam que os jovens não se importavam com elas, mas nós provamos o contrário.

*Kristen Grymes, 17, 12ª série,  
Escola de Ensino Médio James  
Monroe, Fredericksburg, Virgínia  
[<http://www.cityschools.com/jmhs>]*

**P**raticamente todos os adolescentes dos Estados Unidos adoram ouvir música e curtem determinados artistas e estilos musicais. Hip-hop, rock, rap, country, jazz, heavy metal e fusões criativas de vários estilos atraem legiões de jovens fãs. A internet e tocadores portáteis de MP3 e CD são algumas das inovações tecnológicas que mantêm os adolescentes conectados com seus astros favoritos. Mas eles fazem mais do que ouvir. Cerca de três milhões de jovens americanos entre 13 e 18 anos estudam música na escola, em aulas particulares ou



Steve Rouse, AP/WWP

como autodidatas, e centenas, talvez milhares deles, participam de "bandas de garagem", ensaiando e compondo canções nas garagens de casa ou de casas de amigos.



Chitose Suzuki, AP/WWP

Fotos de cima para baixo: Alunos participantes de bandas de escolas do ensino médio de vários Estados sulistas dos EUA em ensaio durante o evento All-South Honor Jazz Band na Universidade do Sul do Mississippi, em Hattiesburg; fãs aplaudem o cantor Stevie Wonder no espetáculo Live 8, em 2 de julho de 2005, na Filadélfia

A música exerce um papel importante na vida de um adolescente. Seja tocando na banda do colégio ou em sua "banda de garagem", a música os acompanha em todos os lugares. Simplesmente não podemos viver sem ela.

Toco trombone na banda da Escola de Ensino Médio Wakefield, mas toco também guitarra em minha banda de rock. A música faz parte da minha vida o dia inteiro, todo dia. Decidi entrar na banda do colégio para aprender mais sobre teoria musical. Quero aprender mais sobre cada nota e como as notas se inserem em cada peça musical. Aproveitei então o conhecimento obtido na aula e o usei para o que realmente quero fazer: tocar guitarra.

Amo o rock de paixão! Desde os 14 anos vivo fascinado com o talento das pessoas que tocam guitarra, baixo, bateria e cantam para uma grande platéia. Tive muitas influências em minha trajetória para me tornar um astro do rock. Bandas como Breaking Benjamin, Adema, KoRn e muitas outras me motivaram a tocar guitarra para uma grande platéia.

A música mudou minha vida.

*Ben Cepelcha, 17, 10ª série, Escola de Ensino Médio Wakefield, Raleigh, Carolina do Norte [http://wakefieldhs.net]*

A música consegue unir diferentes culturas, formar amizades duradouras e mesmo despertar uma alma musical. Não é de admirar que tantos alunos de Ensino Médio americanos tenham tal paixão por música. Para mim, a música é um estilo de vida.

Acho que motivação e inspiração são vitais para um músico de sucesso. Meus pais imigraram da China para os Estados Unidos. Por vários motivos eles não puderam se dar ao luxo de aprender música. Quando era criança meus pais me puseram para aprender a tocar clarinete e piano. Todo dia eles ficavam me assistindo tocar e depois contrataram aulas particulares para mim. Nos primeiros anos eu detestava passar o tempo praticando instrumentos que não queria aprender. Quando tinha 10, 11 anos, meus pais me fizeram entrar na banda da escola, e meu professor de piano me colocou em uma orquestra muito boa. Foi a primeira vez que vi meus colegas de escola tocando em conjunto. Com o passar do tempo, aprendi mais e mais. Logo fiquei independente o suficiente para praticar assim que chegava da escola. Quanto mais eu melhorava, tanto mais eu praticava. Finalmente comecei a gostar do fato de meus pais terem me obrigado a me tornar um músico melhor.

Embora eu não participe mais da banda do colégio, toco na Sociedade de Música Chinesa da Grande Washington. A meta de nossa orquestra é diminuir as diferenças culturais entre americanos e chineses por meio da música. Como sino-americano tenho muito orgulho de preservar e apresentar música chinesa antiga e de promover intercâmbio cultural entre chineses e americanos. Penso que descobri uma boa

## EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS

forma de combinar meu amor pela música com minha herança chinesa.

*Elwin Wang, 15, 9ª série, Escola de Ensino Médio Walt Whitman, Bethesda, Maryland [http://www.waltwhitman.edu]*

O Ensino Médio pode ser um período de muita tensão para um adolescente. A música dá aos teens uma saída para expressar suas emoções e os conforta quando acham que ninguém entende o que sentem. A beleza da música é que não há um tipo único de música.

Minha paixão é por música que conta uma história. Adoro também música que tem um som novo ou algo que soa clássico e puro, como apresentações acústicas ao vivo. A música também tem o poder de expressar opinião. Algumas músicas emitem opiniões sobre política, religião e pessoas, mas o tipo de música de que mais gosto não tem a ver com política, pois, em minha opinião, já há política demais em tudo. A música deveria ser a expressão singular dos sentimentos e opiniões do artista sobre o mundo. Eu gosto de poder misturar passado e presente. Com as bandas do passado tenho uma idéia de como era a vida antes de eu nascer.

A música ajuda a mim e a muitas pessoas da minha idade a enfrentar a tensão diária da escola e nos ajuda a evitar a pressão de nossos pares. Podemos ouvir música em nossos quartos para fugir do mundo e superar coisas como as pequenas brigas com nossos pais.

A música influencia tudo na minha vida, a maneira como me visto, minha arte, minha linguagem.

*Kim Cline, 15, 11ª série, Escola de Ensino Médio Belpre, Belpre, Ohio [http://www.seovec.org/belpre/bhs.htm]*

Sou daquelas adolescentes típicas que amam ouvir música. Entretanto, sou ligeiramente diferente da maioria. Embora a maioria dos teens ouça um tipo específico de música, como rock moderno ou pop alternativo com guitarras, eu ouço uma grande variedade de estilos. Claro, amo a mesma música de que meus colegas tendem a gostar, mas também tenho paixão por música country, jazz, sucessos antigos, música clássica e até ópera.

A música tem um papel importante na minha família. É um interesse comum para todos nós. Para os aniversários, criamos até uma versão do tradicional “Parabéns pra Você”, com uma parte de harmonia para cada pessoa da família cantar. Na igreja, cantamos juntos em cerimônias especiais. Meu pai tem paixão por seu violão, e uma de minhas irmãs, Corinne, toca piano e trompete. Quanto a mim, participo do coro da igreja todo ano desde que me entendo por gente.

A música me acalma e me tira a tensão de um dia estressante. Posso fugir um pouco da realidade quando penetro na música que estou ouvindo. As canções permitem que as pessoas se expressem e, em alguns casos, criam pontes entre culturas. Em nosso coral aprendemos canções em alemão, francês, latim e italiano - e em línguas diferentes, como o samoano. Ao ouvirmos canções novas e desconhecidas ficamos mais receptivos a outras culturas.

*Andrea Bohling, 16, 10ª série, Escola de Ensino Médio Wakefield, Raleigh, Carolina do Norte [http://wakefieldhs.net]*

# ESPORTES

**J**uventude é sinônimo de energia – mental e física. Esportes organizados e informais dão aos adolescentes oportunidade de despendere um pouco dessa energia e, acima de tudo, aprender o valor do jogo limpo, atingir metas e divertir-se simplesmente. Em 2003, 58% dos garotos e 51% das garotas



Scott McCloskey, AP/WWP



Charlie Neibergall, AP/WWP

em escolas de ensino médio participaram de equipes esportivas. Os esportes mais populares para garotos são futebol americano, basquete, atletismo, beisebol e futebol (futebol internacional). Para meninas, os mais populares são basquete, atletismo, vôlei, softball e futebol. Graças a

uma lei americana que incentiva mulheres a praticar atletismo, a participação de alunas de ensino médio nessa modalidade aumentou em 800% durante os últimos 30

anos! Entre os esportes organizados praticados com frequência em escolas de ensino médio estão a ginástica, a luta livre, a natação, o tênis e o golfe. Fora da escola, os adolescentes participam permanentemente de ligas esportivas patrocinadas pelas comunidades. Além disso, em especial no verão, eles se entretêm com jogos informais improvisados de algum esporte nas ruas e parques de seus bairros.



AP/WWP e McDonald's

Fotos de cima para baixo: Um técnico instrui praticantes de luta livre na Escola de Ensino Médio Oak Glen em NewManchester, Virgínia Ocidental; uma arremessadora de peso da Escola de Ensino Médio West, da cidade de Iowa, compete em Des Moines, Iowa; batalha por um rebote no McDonald's All-American High School Basketball Game, em South Bend, Indiana

# EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS

Fora da escola eu participo de dois tipos de esporte – vôlei no outono e basquete no inverno. Vôlei é meu esporte favorito. Jogo vôlei fora do horário escolar. Antes do jogo propriamente dito, a equipe corre um pouco para aquecer e em seguida começa a praticar vários exercícios divertidos. Treinamos enterrada, levantamento, cortada, peixinho e outros. Nos dias em que vamos jogar, usamos uma espécie de camiseta que representa a equipe de vôlei e sinaliza aos nossos colegas que haverá jogo à noite.

No inverno, jogo basquete. Assim como o vôlei, começamos a praticar logo depois do horário escolar e corremos para nos aquecer antes dos árduos exercícios. Iniciamos os exercícios com arremessos para aperfeiçoá-los. Em seguida, praticamos controle da bola, arremesso, pressão e exercitamos defesa e ataque. Na primavera não pratico esportes, então faço condicionamento físico para me manter em forma para o vôlei e o basquete.

*Paige Caldwell, 15, 9ª série, Escola de Ensino Médio McCutcheon, Lafayette, em Indiana*  
[<http://www.wvec.k12.in.us/McCutcheon/>]

Comecei a praticar corrida na sétima série porque tinha bom desempenho ao correr no futebol. Nunca me cansava. O esporte foi decisivo para me ensinar disciplina, me fazer levantar às 5h45 da manhã para treinar e praticar nos sete dias da semana.

Meu pai, falecido no ano passado, me incentivava toda vez que eu queria desistir, tanto da escola quanto da corrida. Ele lutou contra o câncer por nove anos, passou por duas cirurgias de 14 horas, por quimioterapia e radioterapia. Meus pais vieram da Nicarágua, mas eu nasci e fui criado em Miami, em um bairro com 90% de moradores hispânicos.

*Eduardo (Eddie) Arguello, 18, 12ª série, Escola Preparatória Belen Jesuit, Miami, na Flórida* [<http://www.belenjesuit.org/>]



Eddie Arguello, um dos melhores corredores das escolas de ensino médio do Condado de Miami-Dade, na Flórida, frequentará a Universidade Internacional da Flórida, com bolsa de atletismo, para estudar Administração e Finanças. Sua meta é tornar-se consultor financeiro ou presidente de banco

## EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS

Eu diria que passo duas a três horas por dia – o ano todo – praticando futebol americano e/ou basquete, além de levantamento de peso. De fato, nas primeiras semanas de treino de futebol americano no fim do verão e no início do outono pratiquei cinco horas ou mais diariamente. Por quê? Bem, o principal motivo de tanta dedicação é que adoro esportes. É inato em mim esse gosto pelos jogos.

E percebo que é uma oportunidade única na vida. Daqui a vinte anos não poderei jogar futebol americano e basquete e aí não quero me arrepender por ter perdido essa oportunidade.

Provavelmente será o basquete o esporte de minha escolha na faculdade, mas decidi que quero participar do nível mais alto de competição da universidade. Assim, se para jogar futebol eu conseguir uma bolsa de estudos melhor, em vez do basquete, eu darei preferência ao futebol. Mas é mais provável que eu jogue basquete.

Quando se tem uma equipe que vai bem, todos [na escola] ficam mais animados com as demais atividades. Aparecem mais garotos interessados em praticar esportes, há mais pessoas comparecendo aos jogos. Isso une a comunidade e motiva os jogadores. As pessoas podem não ficar tão contentes se você não estiver ganhando, mas mesmo assim ainda é divertido.

Outra coisa de que tenho certeza é esta: o esporte faz com que eu me torne um estudante melhor. Se você não tiver boas notas, não pode jogar. Tenho menos tempo para estudar durante a temporada esportiva, eu sei, mas o que

acaba acontecendo é que me esforço mais nos estudos. Eu me concentro mais no que tenho de fazer e nos prazos para aprontar os trabalhos. Sei que preciso me empenhar mais nos estudos do que em outras épocas do ano. E quase sempre tiro notas melhores.

Portanto, os esportes na verdade me ajudam sob o ponto de vista acadêmico. *David Foster, 17, 11ª série, Escola de Ensino Médio do Condado de Sweet Grass, Big Timber, em Montana*  
[<http://www.sweetgrasscounty.com/sghs>]



Além de ser um dos melhores recebedores no futebol americano e o principal cestinha da equipe de basquete, David Foster, com 1,90 m de altura, é representante da turma e ótimo estudante

# ESCOLA EM CASA

Chuck Offenburger

*Sam e Stan Scoma representam uma tendência pequena, mas crescente, nos Estados Unidos. Eles concluíram quase todos os cursos do ensino fundamental e médio estudando em casa, assim como seus irmãos mais velhos antes deles. (Normalmente, os programas de ensino em casa são organizados pelos pais com a cooperação de autoridades dos governos estadual e local e com a ajuda de organizações nacionais como a Rede Nacional de Educação em Casa [www.nhen.org]). Ao imprimir seu próprio ritmo aos estudos, Sam e Stan dizem ter aprendido muito sobre autodisciplina e sentem que receberam uma educação excepcional. Concomitantemente, participavam de atividades esportivas, musicais e religiosas. Excelentes alunos de matemática e ciências, receberam bolsa de estudos para iniciar sua educação superior em uma faculdade comunitária, cujos cursos têm duração de dois anos, em sua cidade natal de Colúmbia, na Carolina do Sul, e estão pensando em seguir a carreira de engenharia.*

*O jornalista Chuck Offenburger escreve da Fazenda Simple Serenity, próxima à minúscula cidade de Cooper, em Iowa, cuja população é de 30 habitantes. Há 40 anos ele vem cobrindo a transformação do perfil dos Estados Unidos e pode ser contatado via e-mail no endereço [chuck@Offenburger.com](mailto:chuck@Offenburger.com). Para mais informações sobre ensino em casa, ver a seção Recursos na Internet no fim desta publicação.*

Os gêmeos Sam e Stan Scoma, que se formaram no ensino médio este ano em Colúmbia, Carolina do Sul, fizeram a maior parte de seu trabalho acadêmico em casa. Aprenderam de acordo com seu próprio ritmo: quando as coisas eram fáceis aceleravam o passo, quando eram difíceis, reduziam. Quando um tema parecia maduro para uma “discussão em sala de aula”, eles o discutiam entre si. Tiveram alguns professores incomuns, como o político local que lhes ensinou a discursar em público. E aprenderam uma ampla variedade de outros assuntos com seus pais, Steve e Sandy Scoma, e também um com o outro.

Os gêmeos Scoma foram “alunos em casa”, parte de uma tendência pequena, mas que está crescendo nos Estados Unidos, de pais que educam seus filhos em casa. Em Colúmbia, área metropolitana com 516 mil habitantes, calcula-se que a cada ano dois mil alunos estudam em casa, e cerca de 120 deles se formam no ensino médio.

O ensino em casa cresceu nos últimos 20 anos por uma série de razões. Algumas famílias optaram por ele por



Foto: Steve Scoma

Sam faz um de seus deveres na sala de estar

motivos religiosos – por exemplo, para garantir que as lições fossem condizentes com seus ensinamentos religiosos ou para ensinar ética religiosa. Outras o adotaram por acreditar que seus filhos aprenderiam mais em casa do que em uma sala de aula cheia de alunos. Outras ainda tomaram essa decisão por razões logísticas: por morarem tão longe das escolas que as viagens diárias se tornariam difíceis.

## DUAS LIÇÕES ESPECIAIS

Os meninos Scoma, agora com 18 anos de idade, fazem uma retrospectiva de toda sua educação fundamental e média recebida em casa e dizem que aprenderam muito. Mas duas lições especiais se destacam: aprender a aprender e autodisciplina.

“Uma das coisas de que mais gosto sobre o ensino em casa é que você aprende a estudar sozinho”, afirmou Sam. “Você pode pedir ajuda aos seus pais se não entender alguma coisa, mas aprende a pesquisar e a encontrar as respostas por conta própria.”

Segundo Stan, a maioria dos alunos que estudam em casa passa por um estágio no qual “há uma tentação de deixar o trabalho de lado. Mas chega um ponto em que você percebe ser preciso fazer um esforço se quiser fazer sucesso na vida, caso contrário não responderá às exigências e fracassará. Aprendemos tanto sobre autodisciplina que, desde o ano passado ou retrasado, deixar de fazer o trabalho não era mais uma tentação para nós”.

Sam disse que sempre gostou da idéia de “não haver um cronograma estabelecido, a não ser que eles quisessem. Nossos pais não se importavam se quiséssemos dormir até mais tarde, desde que tivéssemos feito o trabalho”. O que sempre faziam com perfeição.

Na verdade, eles se formaram com médias 3,9 e superiores em uma escala de 4,0 pontos, acima das exigências da Associação de Ensino Independente em Casa da Carolina do Sul. Essa agência monitora e mede o progresso dos alunos educados em casa, além de emitir seus diplomas.

O nível acadêmico dos Scoma é tão alto que eles receberam bolsas integrais para seus estudos na Faculdade Técnica de Midlands, uma faculdade em Colúmbia cujos cursos têm duração de dois anos. Futuramente eles



Foto: Steve Scoma

Stan estuda na mesa da cozinha

pretendem adquirir o grau de bacharel pela Universidade da Carolina do Sul.

Os dois adoram ter aulas de matemática e ciências. Sam acredita que isso pode encaminhá-lo para uma carreira nos programas espacial ou de aviação. Stan é fascinado por engenharia química e deve ingressar na área de pesquisas e

desenvolvimento de medicamentos.

### TOMADA DE DECISÃO

Por que a família Scoma decidiu ensinar seus filhos em casa?

Steve e Sandy Scoma moravam em Dallas, no Texas, quando seus dois filhos mais velhos, Stacy e Steve Jr., atingiram a idade escolar.

“Lá demos início à educação em casa, achando que poderíamos dar às crianças um bom ponto de partida para a escolarização antes de colocá-los na situação competitiva de uma sala de aulas”, disse Steve Sr. Na época, ele trabalhava com tecnologia da informação. Sandy ficava em casa para ensinar os filhos. Em 1990, mudaram para a Carolina do Sul e começaram a participar do desenvolvimento e da operação de um ginásio de esportes coberto. Sam e Stan trabalhavam no ginásio meio período.

“Quando nos mudamos para a Carolina do Sul, nossas razões para adotar o ensino em casa mudaram um pouco”, continuou Steve Sr., observando que as escolas públicas são no geral consideradas fracas. “Embora o distrito escolar onde morávamos tivesse escolas bastante boas, ainda assim achávamos que o desempenho das crianças na educação pública na Carolina do Sul não era competitivo com o de alunos formados em escolas de outras áreas dos Estados Unidos. Uma opção poderia ser mandá-los para escolas particulares, que têm programas acadêmicos melhores, mas não tínhamos condições financeiras para isso. Assim, preferimos continuar com o ensino em casa.”

Stacy Scoma, hoje com 26 anos de idade, e Steve Jr., com 24, depois de aprenderem em casa formaram-se pela Universidade da Carolina do Sul. Stacy é atualmente professora do jardim de infância e Steve Jr. vai trabalhar com engenharia da computação.

Uma parte importante do programa de educação em casa dos Scoma foi a participação nas atividades de sua igreja, a Assembléia de Deus Vida Cristã. Sam e Stan aprenderam muito sobre outras culturas nas viagens de trabalho, patrocinadas pela igreja, ao México, Índia, Romênia e outros países. Eles também se beneficiaram do programa extensivo de música oferecido pela igreja. Stan é um excelente pianista. Sam toca piano, violão e baixo. São membros importantes da orquestra e do coro de jovens da igreja.

Os meninos são também atletas de talento e contaram com os recursos da comunidade para participar de esportes coletivos.

### PRONTOS PARA O FUTURO

Eles se dizem mais do que prontos para enfrentar o rigor da vida acadêmica na faculdade.

“Tivemos aulas de matemática e ciências avançadas com outros alunos que estudam em casa”, informou Stan. “Fizemos um bom trabalho nesses cursos e, na verdade, estou ansioso para ter mais discussões de grupo em nossas aulas na faculdade.”

Tanto Sam quanto Stan afirmam que agora é um grande momento para ser jovem. “Acho que nossa geração tem as melhores oportunidades de todos os tempos para escolher seu campo de trabalho”, disse Stan. “Há uma abundância de oportunidades. Você pode fazer praticamente qualquer coisa que deseje, e ninguém está limitado por pertencer a determinado grupo financeiro ou étnico.” ■

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# DA EUROPA CENTRAL PARA O NORTE DE OHIO

Robert Taylor

*Louisa Fricke e Arne Schlegelmilch, da Alemanha, e Zuzana Oravcova, da Eslováquia, cursaram a 11ª série em uma escola pública de ensino médio em Amherst, Ohio, com a ajuda da organização Intercâmbio de Estudantes Internacionais. Eles conversaram com o autor Robert Taylor sobre suas impressões e experiências a respeito de fazer amizades em um novo país, lidando com um ambiente acadêmico diferente e ajustando-se à cultura americana dos automóveis e do fast-food, e sobre os seus planos para o futuro.*

*Taylor escreveu três romances – The Innocent, All We Have is Now e Whose Eye Is on Which Sparrow? – e é professor afiliado na Faculdade de Oberlin, em Oberlin, Ohio.*

**A** organização Intercâmbio de Estudantes Internacionais [www.internationalstudent.com] possibilita aos estudantes de todo o mundo cursar escolas em países estrangeiros. Durante o ano letivo 2004-2005, três estudantes de intercâmbio foram a Amherst, Ohio, bem a oeste de Cleveland, para cursar o 11º ano na Escola de Ensino Médio Marion L. Stelle. Louisa Fricke e Arne Schlegelmilch são alemães, Louisa é de Hamburgo e Arne, de Bad Saarow, 48 quilômetros a leste de Berlim. Zuzana Oravcova é de Okr. Presov, na Eslováquia.

Sua estada nos Estados Unidos foi coordenada por Linda Petkovsek, residente em Amherst, que trabalha com a Intercâmbio de Estudantes Internacionais há cinco anos. Após receber os nomes dos estudantes do ano, Petkovsek, juntamente com o diretor associado da escola, Tom Lehman, providenciou as matrículas. Depois, Petkovsek escolheu três famílias voluntárias na área de Amherst - uma para cada estudante - que se dispuseram a acolher os estudantes de intercâmbio temporariamente.

Ao final do ano letivo, várias semanas antes de deixarem os Estados Unidos, Louisa, Zuzana e Arne se reuniram na biblioteca do colégio para falar sobre suas vidas e experiências.

Quando lhe perguntaram por que havia vindo aos Estados Unidos para estudar, Louisa respondeu: “Para ver como vivem outras pessoas – e pelo inglês, para aprender a falar melhor a língua. Quero ser controladora de tráfego e, para isso, preciso falar bem o inglês. Minha irmã e alguns amigos também já estiveram nos Estados Unidos durante um ano, e todos gostaram da experiência.”



Arne Schlegelmilch

“Acredito que para mim será a mesma coisa”, disse Zuzana, “porque meu irmão veio aos Estados Unidos cinco anos atrás e me explicou como funciona este programa de intercâmbio. Vim para cá principalmente pelo inglês, para falar melhor, mas queria também vivenciar um modo de vida completamente diferente, uma cultura e um povo diferentes.”

“Há muito tempo acalentando este sonho”, afirmou Arne. “O sonho foi tomando corpo por volta da primeira série. Tive um amigo que veio aos EUA como estudante de intercâmbio e muito cedo aprendi sobre o programa. Mas, suponho ter vindo para cá também pela possibilidade de um novo começo. Ao chegar aqui, não se conhece ninguém. É preciso começar tudo novamente. E isso é interessante, muito interessante.”

## A VIDA NOS EUA

Com relação à sua vida nos Estados Unidos, Louisa disse “estive muito ocupada o tempo todo. Fiz amigos rapidamente, primeiro porque joguei futebol e depois pratiquei natação. Fora isso, os dias foram bastante iguais. Vou para casa, faço minhas lições, janto e depois vou dormir. E no dia seguinte é a mesma coisa”.

Zuzana teve uma experiência diferente no início. “No princípio, quando cheguei aqui”, disse, “na verdade eu não fazia nada a não ser frequentar as aulas. Não pratiquei nenhum esporte, mas, depois, entrei para os clubes de arte e de xadrez, o que me ocupou bastante. No inverno, frequentei também o clube de esqui. Agora que conheço mais pessoas, gosto de ir com os amigos a concertos ou ao cinema, mas não é tão fácil fazer isso aqui como é na minha terra. Na Eslováquia, eu pego a bicicleta, um ônibus ou trem e vou a qualquer lugar, mas, aqui, se quero ir a algum lugar preciso combinar antes para que alguém me leve, e isso é muito complicado”.

Arne, rapaz gregário, que consegue se expressar muito bem, surpreendeu o grupo ao dizer: “Na verdade, no início tive alguns problemas para fazer amizade. Sou extrovertido, mas isso parece incomodar muitas pessoas por aqui, por isso tive dificuldades para fazer amigos. Havia muitas pessoas para conversar, mas não havia ninguém com quem estar após



Louisa Fricke

as aulas. Isso leva algum tempo. As pessoas aqui são abertas, elas conversam com você, mas não saem por aí com você na mesma hora. Depois, durante o inverno, eu joguei futebol de salão e foi quando comecei a fazer amizades. Agora tenho muitos amigos. Realmente, tenho.”

### COISAS PREFERIDAS E OUTRAS NEM TANTO

Quando lhe perguntaram do que havia gostado mais nos Estados Unidos, Louisa respondeu: “No outono, eu gostava de ir aos jogos de futebol, porque não temos isso na Alemanha. Não temos esse forte senso de ‘espírito escolar’, e eu gosto muito disso. Gosto também dos professores daqui. Eles são todos engraçados. Eu diria que as nossas escolas na Alemanha são mais rigorosas. Nossos professores ainda são um pouco severos.”

“Para mim, a vida parece mais simples aqui do que na minha terra”, disse Zuzana. “As pessoas parecem não ter problemas. Elas não aparentam estar realmente estressadas quando estão. Não aparentam mesmo. As pessoas vêem as coisas de maneira tão simples, e são cheias de otimismo. E os professores tornam a educação realmente mais divertida. Eles fazem você gostar de uma matéria e tentam tornar tudo mais fácil para você. Às vezes, é melhor ter um professor mais severo, mas, ainda assim, eu gosto dessa característica.”

“Acho que minha impressão é um pouco diferente com relação a aulas ‘divertidas’, disse Arne. “Todas as minhas aulas eram realmente difíceis. Minha escola, na Alemanha, exigiu que eu frequentasse todos esses cursos especiais para obter créditos universitários [Advanced Placement – AP]; então fiz inglês avançado no primeiro semestre, o que me ocupava bastante o tempo. Eu era obrigado a estudar muito o tempo todo. O que eu mais gostava eram as atividades nos fins de semana. A vida toda acontece aqui durante os finais de semana. Na sexta-feira, assim que terminam as aulas, todos começam a ser mais verdadeiros. É fora da escola que se conhecem melhor as pessoas. Dentro da escola, parece que as pessoas não são autênticas. Há muitas máscaras.”

Do que Louisa gostou menos foi “a falta de liberdade. Na Alemanha, eu não tenho hora para voltar. Aqui, nos finais de semana, tenho de estar em casa à meia-noite mas, na Alemanha, às vezes chego em casa às 4 horas da manhã. Temos permissão para isso. Acho que nossos pais confiam mais na gente”.

“O que me aborreceu aqui”, disse Arne, “é que não se pode confiar sempre nas pessoas. Falo sério. As pessoas dizem ‘vou te buscar às 17h, 17h30’, e quando lhes telefonemos às 18h, elas dizem ‘olhe, ainda estamos aqui, mas vamos passar para apanhá-lo’. No final, elas passam. Assim, acredito que o que menos gostei aqui foi não poder guiar. Isso foi realmente

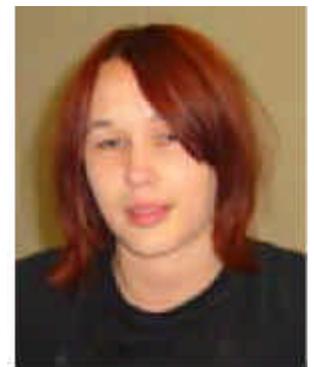
um problema. Aqui todos dirigem e estão o tempo todo indo a lugares aos quais não podemos ir, a menos que tenhamos uma carona”.

“O que eu não gostei”, disse Zuzana, “foi da cultura do fast-food. Tive dificuldade para me adaptar quando cheguei”.

“Engordei 16 quilos!”, disse Arne.

“Eu também ganhei alguns quilos”, disse Louisa. “Não quero falar em números, mas engordei bastante.”

“Felizmente, no entanto, consegui perder a maior parte deles depois”, disse Arne.



Zuzana Oravcova

### PLANOS FUTUROS

Perguntada sobre seus planos para o futuro, Louisa respondeu, “como quero ser controladora de tráfego, acho que cursarei a universidade aqui nos Estados Unidos. O que ouço das pessoas que já estão na universidade aqui é que não é tão difícil”.

“Quero ser jornalista”, disse Zuzana, “ou talvez radialista. Essa é a razão por que vim para cá, para aperfeiçoar o meu inglês. Porém, provavelmente cursarei a universidade na Eslováquia. Depois disso, devo ir morar em algum outro lugar, mas não acho que seja nos EUA. Eu gosto muito da Europa. Como moro perto da Polônia, se viajo dois ou três quilômetros, já estou em um país completamente diferente, com língua e cultura diferentes. Lá você tem de conhecer outros idiomas. Isso é o mais interessante”.

“Na minha estada aqui”, disse Arne, “estive pensando sobre o que eu gostaria de fazer e na verdade reduzi bastante as possibilidades. Gostaria de entrar para a diplomacia ou trabalhar com algum tipo de negócios internacionais. Acho que poderia fazer a universidade aqui nos EUA mas, como também falo francês, poderia ir à França por algum tempo para estudar e desfrutar da cultura francesa. Porque falar outros idiomas pode realmente abrir muitas portas”.

### VISITAS DE AMIGOS

Quando lhe perguntaram se alguns amigos dos EUA iriam visitá-la na Alemanha, Louisa disse: “Eu sei que um deles irá.”

“Sim”, disse Arne. “Ela vai voltar para a Alemanha com o namorado. Ele já comprou a passagem. Disso, ela tem certeza”.

“E sei que a minha família anfitriã irá à Europa”, disse Zuzana. “Eles têm parentes na Macedônia e vão visitá-los. Vamos tentar nos encontrar na Europa. Uma amiga também gostaria de me visitar. Ela já está na faculdade e tem um bom emprego - e poderia ficar algum tempo comigo, talvez duas semanas. O custo de vida no meu país não é tão caro. Visitar a Alemanha, por exemplo, é muito caro, mas o meu país é

muito barato para todo o mundo. É mesmo. Isso é um incentivo para as pessoas que querem ir, porque elas não precisarão gastar muito dinheiro.”

“Sei que minha família anfitriã irá me visitar”, disse Arne. “Eles já estiveram na Alemanha antes. E o melhor amigo que tenho aqui está planejando ir à Alemanha depois de formado. Espero que dê certo. Seria muito bom.”

Tocou o sinal para a próxima aula, e os três levantaram-se para sair. ■

# LIÇÕES APRENDIDAS: Conversa com o Professor do Ano

Michael J. Bandler



Gerald Hebert, AP/WW

O presidente Bush reconhece Jason Kamras como Professor do Ano em cerimônia realizada no Jardim das Rosas, na Casa Branca, em 20 de abril de 2005

*Jason Kamras, Professor do Ano de 2005 dos EUA, disse que decidiu “desde muito cedo” que queria ser professor. Ele passou os últimos nove anos lecionando para alunos da sétima, oitava e nona séries da Escola de Ensino Fundamental John Philip Sousa, em Washington, D.C., onde desenvolveu um programa de fotografia digital para conscientizar os alunos sobre o mundo ao seu redor e para ensinar, de um modo prático, lições de matemática.*

*“Ensinar é um trabalho que exige muito, é muito difícil”, disse ao editor associado Michael Bandler, “mas valorizo todos os dias a oportunidade de trabalhar com crianças”. Bandler escreve para o Escritório de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado.*

**E**le poderia ter se formado em zoologia. Isso atraiu sua curiosidade na sétima série.

Poderia ter sido um homem de negócios, advogado ou especialista em assuntos internacionais – outras profissões que chegou a considerar em alguns momentos. Mas Jason Kamras escolheu o magistério como profissão e voltou sua atenção, ainda à época da faculdade, para as áreas mais pobres da cidade.

“Desde muito cedo decidi”, explica, “que queria fazer do processo de estender as oportunidades educacionais a todas as crianças, o que acredito ser um direito inato”.

E assim juntou-se ao corpo docente de uma escola de uma área carente da cidade – um dos desafios mais difíceis no cenário educacional americano – na capital do país, Washington, D.C.

Em abril de 2005, Kamras conquistou um marco invejável quando o presidente Bush o nomeou Professor do Ano de 2005, o prêmio mais antigo e prestigiado para os educadores do ensino fundamental e médio dos Estados Unidos. Ele é o 55º ganhador e o primeiro de uma escola do Distrito de Colúmbia.

Kamras, professor de matemática e especialista em educação (mentor para professores com menos experiência) na Escola de Ensino Fundamental John Philip Sousa em Washington, D.C., já lecionou para alunos das sexta, sétima e oitava séries durante os nove anos em que está na escola. Entre suas inovações está o Expose, programa no qual os alunos aprendem a usar câmeras digitais, editar imagens e trabalhar com softwares de vídeo digital para criar ensaios fotográficos autobiográficos sobre suas vidas e comunidades.

Kamras nasceu na cidade de Nova York, mas a partir dos três anos foi criado em Sacramento, na Califórnia. Estudou na Escola de Ensino Médio Rio Americano e depois se formou na Universidade de Princeton, em Princeton, Nova Jersey. Começou a lecionar na Sousa sob os auspícios da organização americana sem fins lucrativos “Ensinar pelos EUA”. Essa organização seleciona os melhores alunos recém-formados das universidades e os convida a assumir o compromisso de lecionar durante dois anos em escolas de áreas carentes ou rurais - no geral em comunidades pobres - onde normalmente é difícil preencher as vagas de professor. Ao final dos dois anos, Kamras continuou na Sousa, de onde ficou ausente apenas durante o ano letivo de 1999-2000 para obter o mestrado em Educação pela Universidade de Harvard, em Cambridge, Massachusetts.

Recentemente, conversou sobre sua opção de carreira e suas perspectivas sobre a evolução de seus alunos.



Professor do Ano

Jason Kamras conversa com duas alunas em sua sala de aula na John Philip Sousa

**P:** Quais são as oportunidades disponíveis aos adolescentes – crianças que estão entrando na adolescência – hoje nos Estados Unidos?

**R:** Eles têm muitas oportunidades extraordinárias. O que é surpreendente sobre esse país é que, quando têm a oportunidade de ter uma excelente educação, as crianças conseguem fazer praticamente tudo o que gostariam de fazer. Portanto, a meu ver, essa idade é um momento muito estimulante, saber que se tem o futuro à sua espera.

**P:** Você começou a lecionar, na verdade, quando estava em Princeton.

**R:** Sim, supervisionei alunos do ensino fundamental em Trenton, Nova Jersey, e também pessoas que estavam em uma unidade correcional de Nova Jersey. Também passei um verão como voluntário Vista (Voluntários a Serviço dos EUA) em Sacramento, Califórnia, onde fui criado.

**P:** E sua mãe lecionou.

**R:** Sim. Ela deu aulas na cidade de Nova York.

**P:** E ela serviu de inspiração para escolher sua carreira?

**R:** Ela foi uma das minhas inspirações. Lembro-me dela falando com muito carinho de suas aulas e seus alunos. Mas minhas próprias experiências de ensino à época da faculdade e no verão, como voluntário Vista, foram bastante decisivas, em particular porque estava trabalhando em áreas carentes. As desigualdades do nosso sistema de educação pública tornaram-se bastante claras para mim. Realmente acredito que essas desigualdades são o maior desafio social enfrentado por nosso país nos dias de hoje.

**P:** O que o atraiu nessa faixa etária com a qual tem trabalhado durante a maior parte de sua carreira? Você trabalhou primeiro com a Ensinar pelos EUA, e eles

normalmente colocam os professores em uma escola carente. Você pôde escolher a faixa etária?

**R:** Sempre me senti atraído pelo ensino médio – 7<sup>a</sup> a 12<sup>a</sup> séries. Mas surgiu essa oportunidade nessa escola voltada para os três últimos anos do ensino fundamental. Pensei sobre isso durante um tempo, se queria ou não isso, em vez de lecionar no ensino médio. E decidi que na verdade é uma idade bastante interessante. Meus alunos em grande parte ainda são crianças, mas estão começando a desenvolver sua verdadeira auto-identidade para entrar na vida adulta. Portanto, é uma época da vida das crianças bastante interessante, e eu realmente gosto de trabalhar com elas nesse momento de transição.

**P:** A chave é crescer.

**R:** Com certeza.

**P:** Não faz muito tempo que você estava crescendo – 18 anos mais ou menos. O que é diferente hoje da sua época de desenvolvimento?

**R:** É uma pergunta difícil. Quando relembramos nossa própria adolescência, nem sempre temos um quadro preciso de como as coisas realmente eram.

**P:** Bem, vamos colocar da seguinte maneira: este é um bom momento para as crianças crescerem nos Estados Unidos?

**R:** Penso que é um momento de desafios. Mas não há adolescência sem desafios e, portanto, acho que meus alunos em particular enfrentam de fato muitas dificuldades. Mas eles têm uma perspectiva incrivelmente positiva das coisas e são incrivelmente flexíveis. Uma das coisas mais estimulantes sobre eles é sua opinião positiva do futuro.

**P:** Quando você entrou pela primeira vez em uma sala de aula anos atrás – as crianças, sendo crianças, devem ter olhado o novo professor de cima a baixo. Como conquistou a confiança delas, como as trouxe para o seu lado?

**R:** Uma das coisas que sugiro aos novos professores ao entrarem na sala de aula é demonstrar que realmente levam a sério o ensino e a definição de um alto padrão para os alunos e a classe. Isso estabelece de cara um tom de “este ano realmente vamos conseguir”. As crianças de fato querem isso. Elas estão ávidas por esse empurrão, por essa ordem, por essa noção de que alguém vai liderá-las de um modo bastante sistemático. Mas depois há também várias outras coisas que você pode fazer. Por exemplo: passar um tempo com as crianças fora da sala de aula, ir a torneios de xadrez e jogos de basquete, fazer visitas às suas casas e conhecer suas famílias, de modo que você de fato desenvolve uma relação próxima e de confiança à qual pode recorrer depois na sala de aula.

**P:** Quais são os desafios enfrentados pelas crianças hoje em sua vida e rotinas diárias que são importantes para você, como professor, ter em mente?

**R:** Como toda criança, elas enfrentam os desafios de descobrir quem são. Essa é a idade em que começam a desenvolver um sentido de sua própria identidade. É uma época extremamente turbulenta. É o primeiro desafio para qualquer adolescente deste país. Se você pedir para qualquer adulto lembrar o passado, ele poderá lembrar de experiências bastante difíceis de quando negociava mudanças sociais e mudanças físicas e decidia de qual tribo queria fazer parte. Você mencionou a era digital. Ela tem vantagens e desvantagens. Ainda sou muito jovem, mas realmente parece que o ritmo da nossa cultura acelerou muito – tudo, das notícias aos videogames, tudo que faz parte desse leque. Trata-se de uma cultura menos reflexiva, e isso pode ser algo que está faltando às nossas crianças enquanto crescem.

**P:** Como você tenta fazer com que elas sejam mais reflexivas?

**R:** Você pode contextualizar a matemática e a tornar importante na vida delas. Isso força a reflexão sobre sua aplicação. Isso acontece também em áreas não acadêmicas – apenas conversando com elas, ouvindo-as, diminuindo o ritmo e conversando.

**P:** Fale um pouco sobre o papel dos pais, em termos de escola e estudos. Como você os envolve na vida dos filhos?

**R:** Começa com ligações telefônicas e cartas, visitas às suas casas, encontros com membros da família, sentando e passando um tempo com eles, fazendo com que os pais venham às aulas e participem. Além disso, ficando disponível antes e depois das aulas para discutir qualquer coisa que esteja se passando com seus filhos, realmente fazendo todo o esforço possível para estabelecer esses canais de comunicação. É crucial que os pais ou responsáveis pelas crianças se envolvam. De fato, precisamos fazer mais para que as escolas os recebam bem.

**P:** Fale sobre o programa que você iniciou, o Expose. Sei que durante o ano que passou em Harvard você idealizou idéias educacionais como essa.

**R:** O Expose é um programa de fotografia digital para os alunos das sétima e oitava séries da minha escola. Nasceu, primeiro, porque sempre adorei fotografia e queria dividir isso com meus alunos. Ao mesmo tempo, quando cheguei à escola, fui surpreendido por dois fenômenos: um, que a maioria das pessoas que mora na região de Washington não sabe muito sobre os meus alunos, a não ser o que lêem no jornal; e dois, meus alunos, por várias razões, não tiveram de fato a chance de aproveitar todas as oportunidades da cidade. Queria criar um jeito de unir esses dois mundos. Então pensei que a fotografia seria uma boa maneira de fazer isso. Levamos os alunos em viagens de campo, para que

pudessem ver mais da cidade, e também fizemos com que os alunos – usando a fotografia digital – criassem ensaios fotográficos autobiográficos que então compartilharam com o grande público. Assim, por meio desses dois mecanismos, houve um intercâmbio em toda a cidade.

Também foi uma maneira incrível de ensinar matemática. Quando se fala sobre ângulo de visão, isso é geometria. Velocidades do obturador são comparações de frações. Pixels por polegada são razões. Começamos com filmes preto-e-branco e agora é tudo digital. Também houve uma dupla iniciativa em matemática. Cheguei à conclusão de que, para realmente impulsionar as realizações, precisávamos dobrar a quantidade de tempo de instrução de matemática. Portanto, propus isso à direção da escola, e elaboramos um sistema no qual todo aluno tem duas aulas de matemática por dia. Há dois cursos sendo dados, mas todos os alunos frequentam os dois cursos – a idéia é que cada professor possa diminuir o ritmo e se concentrar em um número menor de objetivos e, assim, de fato ir muito mais a fundo. E a retenção dos alunos aumenta.

**P:** Fale um pouco sobre algumas das coisas que aprendeu em Harvard a o fazer seu mestrado.

**R:** O programa de matemática surgiu dessa experiência. Também fiz alguns trabalhos de criação de softwares educacionais e consegui integrar isso em alguns de meus programas de fotografia, o que contribuiu para enriquecê-los. Também fiz alguns trabalhos sobre diferenciação de instrução e consegui utilizar isso na sala de aula.

**P:** Vamos voltar, por um instante, ao que influenciou sua escolha pela escola carente.

**R:** Ainda estou na escola na qual lecionei durante o Ensinar pelos EUA. Acredito que a educação é a pedra angular das oportunidades neste país, e existem muitas crianças, em particular de comunidades de baixa renda, que não têm acesso a uma educação excelente e, portanto, essa oportunidade lhes é negada. Então, decidi desde muito cedo que queria fazer parte desse processo de estender essa oportunidade a todas as crianças, o que acredito ser um direito inato.

**P:** Como você reconhece uma criança em crise quando isso não é imediata ou claramente perceptível?

**R:** Quando passamos tempo suficiente com as crianças, desenvolvemos um sentido de como é seu equilíbrio operacional normal. E então é possível começar a dizer quando estão se desviando disso – seja para cima ou para baixo. Isso difere de criança para criança; o que pode ser um sinal para uma é completamente benigno para outra. Portanto, depois de passar esse tempo e desenvolver essa relação de confiança, você começa a desenvolver uma percepção aguçada de quando alguma coisa não vai bem.

**P:** Você pode dar um exemplo?

**R:** Tenho um aluno do qual sou muito próximo que estava na minha primeira turma de sexta série, em 1996. Como professor iniciante naquele ano, ele era realmente um desafio para mim. Ele era quase sempre, como se diz em educação, uma criança “problemática”. E tive muita dificuldade para lidar com isso. Mas percebi, depois de conversar com ele, que eu não estava o desafiando o suficiente. Assim, comecei a trabalhar com ele depois das aulas, para desenvolver uma relação mais próxima. Jogávamos xadrez, e ele na verdade com frequência me vencia. De modo algum sou um grande jogador de xadrez – mas ele tinha 11 anos! Continuamos a trabalhar juntos durante toda a sexta série. Não dei aula para ele durante a sétima e a oitava séries, mas continuamos a trabalhar depois das aulas, e também desenvolvi um bom relacionamento com sua mãe. Ele acabou sendo o orador da turma, e continuei trabalhando com ele até o ensino médio. Ele acabou de terminar o segundo ano da Faculdade Morehouse em Atlanta [Geórgia]. Ele é engenheiro elétrico e está pensando em fazer um programa conjunto de mestrado com a Escola de Engenharia da Universidade de Colúmbia [em Nova York].

**P:** Para concluir, depois de trabalhar por quase uma década em educação, as crianças americanas ainda o surpreendem no que se refere às possibilidades?

**R:** Sem dúvida! Sem dúvida! Inequivocamente. Ensinar é um trabalho que exige muito, é muito difícil, mas valorizo todos os dias a oportunidade de trabalhar com crianças. Elas são incrivelmente brilhantes, incrivelmente dinâmicas, criativas e flexíveis. Honestamente não há nenhum outro grupo de pessoas que eu preferiria ver todas as manhãs após me levantar. ■

---

*As opiniões expressas nesta entrevista não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# VITÓRIAS PRECOCES

## como Atleta e como Estudante

Entrevista de Michael J. Bandler



Gerald Herbert, AP/WWP

Freddy Adu em seu primeiro jogo profissional com o D.C. United em 3 de abril de 2004

*Freddy Adu, fenômeno do futebol internacional, diz que amigos da vizinhança e colegas de escola ajudaram-no a se adaptar à vida nos Estados Unidos quando, aos oito anos, emigrou de Gana com a família e que, graças à sua mãe, manteve-se fiel ao valor da educação quando, prematuramente, lhe foi oferecido um contrato profissional.*

*Adu fez uma pausa nos treinos com sua equipe do D.C. United em Washington, D.C., para falar sobre sua vida e conquistas com Michael J. Bandler, da equipe de redação do Escritório de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos Estados Unidos.*

**F**reddy Adu, pode-se dizer, não é o típico adolescente americano. Nascido na cidade portuária de Tema, em Gana, do outro lado do Atlântico, a milhares de quilômetros do lugar onde mora atualmente, perto de Washington, D.C., tornou-se uma celebridade nacional como o mais novo jogador de futebol dos Estados Unidos.

Em 1997, quando Freddy tinha oito anos, sua família ganhou na loteria de vistos o "green card" que dá direito de estabelecer residência nos Estados Unidos. (Pelo programa

da loteria de vistos de diversidade, os Estados Unidos concedem, por ano, 50 mil vistos de residência permanente a indivíduos originários de países que, historicamente, apresentam baixos níveis de imigração para os Estados Unidos.) Freddy, seu irmão mais novo, Fro, e seus pais mudaram-se para os subúrbios de Washington, D.C. (O pai abandonou a família logo depois.)

A mãe de Freddy estava determinada a dar uma vida melhor a seus filhos e providenciar para que

tivessem a melhor educação possível. Na escola, os colegas de Freddy logo descobriram que esse recém-chegado da África era um atleta natural. Logo no início, ele entrou para uma equipe local. Suas aptidões inatas eram extraordinárias, disse o treinador, maravilhado.

Aos dez anos, Freddy viajou para a Itália para participar de um torneio de futebol para atletas com menos de 14 anos, jogando para uma equipe patrocinada por um programa de desenvolvimento do Comitê Olímpico dos EUA. A equipe venceu a competição, e Freddy recebeu o título de "melhor jogador".

Esse foi o começo. Logo se iniciou um movimento para que Freddy se profissionalizasse. Mas a mãe, que, na época, cumpria dupla jornada em lojas, resistiu - apesar da



Steve Nesius, AP/WWP

Freddy faz uma pausa durante os exercícios com a Seleção Americana Masculina Sub-17 dos EUA, em 18 de março de 2003

perspectiva de segurança financeira para a família. Contudo, quando Freddy fez 13 anos, ela cedeu e permitiu que ele entrasse para o Programa de Residência Sub-17 da Federação de Futebol dos EUA, na Flórida, com a condição de que ele pudesse continuar a estudar ao mesmo tempo que desenvolvia suas habilidades atléticas. Freddy conseguiu treinar com os melhores jogadores juvenis do país e concluir o ensino médio em ritmo acelerado.

Então, em janeiro de 2004, entrou para o D.C. United, um dos times profissionais da Liga Principal de Futebol (MLS). Alguns meses depois, antes dos 15 anos, Freddy recebeu o diploma de ensino médio. Quando entrou em campo com seu novo time, em junho de 2004, para inaugurar a carreira de jogador profissional, era o mais novo atleta a jogar em uma equipe esportiva profissional dos EUA em mais de um século.

Hoje, aos 16 anos, Freddy é um dos esteios de sua equipe. Esse adolescente precoce falou recentemente sobre suas experiências de chegada a um novo país e as lições que aprendeu.

**P:** Não é fácil se adaptar a um novo país, uma nova cidade, um novo lar ou uma nova escola. Como você conseguiu isso?

**R:** Com os amigos. Foram os amigos. Quando entrei na escola, meus colegas me aceitaram de imediato e me ajudaram em tudo. Eu não falava muito bem o inglês - nem a gíria - mas eles me ajudaram. Isso tornou tudo mais fácil. Eu estava ansioso em ir à escola. Na verdade, quando cheguei, detestei o clima. Era muito frio! E eu vinha da África, onde está sempre quente! E aqui estava nevando. Não se via crianças brincando na rua como em Gana. Mas meus

amigos ajudaram na minha adaptação. Eles vinham, me buscavam e me levavam para suas casas, onde nos divertíamos muito.

**P:** Você freqüentou uma escola pública nos subúrbios de Washington. Como foi essa experiência?

**R:** As crianças eram bastante amigáveis. De fato, eram mais que isso. Tinham curiosidade em relação a mim. Um garoto vindo da África - não estavam acostumados com isso. Aproximavam-se atraídos pela curiosidade e faziam muitas perguntas. Isso foi decisivo no meu relacionamento com eles.

**P:** Então foi um aprendizado dos dois lados.

**R:** De fato, eles me contaram que na terceira série fizeram um trabalho sobre Gana.

**P:** E você entrou em que série?

**R:** Na quarta.

**P:** E sobre esportes? Como passou a fazer parte da equipe?

**R:** Os mesmos amigos que me faziam todas as perguntas sobre África e Gana eram os que jogavam futebol nas férias. Eu simplesmente fui chegando e comecei a jogar. Eles acharam que eu era muito bom. Um deles, ao chegar em casa, falou aos pais sobre mim. Eles entraram em contato com meus pais e me pediram para participar como "jogador-convidado" da equipe deles em um torneio. Acabei fazendo todos os gols, e vencemos o campeonato. O cara que supervisionava o torneio era treinador de uma equipe sub-11, a Potomac Cougars [nos subúrbios de Washington]. Ele me convidou para fazer parte do time e entrou em contato com minha mãe. Naquela época, havia uma taxa de US\$ 250 para entrar, mas ele a dispensou. Ele me buscava todos os dias para o treino e os exercícios.

**P:** Como chegou a jogar na Itália?

**R:** Os melhores jogadores das equipes da costa leste [dos Estados Unidos] foram reunidos para formar um time. Fomos para um acampamento e, do acampamento, fomos à Itália para representar os Estados Unidos em um torneio internacional. Era para meninos com menos de 14 anos. Eu tinha 10.

**P:** E foi aí que alguém o descobriu como futuro talento?

**R:** Minha mãe não queria que eu fosse para a Itália. Ela achava que eu me perderia. Naquela época, ela tinha dois empregos como vendedora em duas lojas de departamento. Não sei por que ela não aceitou todo aquele dinheiro que me ofereceram. Mas isso dá uma idéia de como é a minha mãe. Ela tinha muita fé em mim. [No final das contas, ela tomou a decisão correta. A equipe de Freddy foi a vencedora da

competição, e ele recebeu o título de "melhor jogador". Em seguida, dirigentes italianos de futebol profissional ofereceram-lhe um contrato generoso para jogar em suas equipes, mas a mãe dele não deu permissão para ele aceitar.]

**P:** Penso que os esportes ensinam a enfrentar a vida e a vencer.

**R:** Sim. Aprende-se muito com os esportes. Em primeiro lugar, ajuda a fazer amigos. Ao mesmo tempo, além de ser um modo de se conseguir bolsa de estudos, também ensina a lidar com vários tipos de pessoa em diferentes situações. Nem tudo é fácil quando se pratica esportes. Há certos momentos em que sua equipe não está em boa fase e você precisa encontrar um modo de vencer, um modo de superar a derrota. Todas essas pequenas coisas que você aprende também o ajudam a vencer na vida. É assim que eu encaro isso.

**P:** Fale-me sobre um ou dois desafios que você enfrentou, sobre coisas que você realmente teve que superar.

**R:** Sem dúvida, praticar esportes e freqüentar a escola ao mesmo tempo não é fácil.

**P:** Você adiantou seus estudos.

**R:** Exatamente. Mas não é fácil. Chega um momento em que você diz: "Cara, eu não posso me dedicar apenas aos esportes o tempo todo." É preciso também me concentrar nas tarefas escolares. É muito difícil manter o equilíbrio entre as duas coisas, difícil mesmo. Mas, você sabe, quando se tem de ir para os treinos, o jeito é ir. Você faz seu trabalho. Depois dos treinos você não pensa no esporte. Você se concentra nas tarefas escolares. A longo prazo, faz com que você progrida.

**P:** Fale um pouco sobre o fato de ser cinco ou dez anos mais novo do que as pessoas com quem está lidando - jogadores, treinadores, empresários. Conte-me sobre o respeito que você conquistou.

**R:** Sabe de uma coisa? Você chega, com 14 anos, não se pôs à prova ainda, não fez nada e, ainda assim, é recebido com todo esse barulho da mídia. Realmente, foi um aprendizado e tanto. Eu tive de ficar de boca calada e me esforçar nos exercícios, fazer todos meus "deveres de novato" - que incluía carregar bolas, água gelada, todas aquelas coisas - e trabalhar muito pela equipe. Com o passar do tempo, comecei a ser respeitado pelo que dizia nas entrevistas, falava do time e da minha vontade de fazer de tudo para ajudá-lo. Os caras lêem essas coisas e exclamam: "Nossa! Este garoto leva isso a sério! Não brinca em serviço!" Com o tempo, começam a gostar de você e passam a respeitá-lo bem mais. Além disso, quando você entra em campo e produz, ganha mais respeito ainda.

**P:** Agora que você terminou o ensino médio e com a perspectiva de se dedicar muito ao futebol no futuro imediato, quais são suas metas?

**R:** Obter um diploma de faculdade, é claro. É importante para mim e muito importante para minha mãe. Quero fazer isso por ela - e, é claro, por mim mesmo. Estou com 16 anos. Vou esperar até os 18 para começar a faculdade e então ver como vou fazer.

**P:** Você quer dizer como levar avante os esportes e os estudos universitários.

**R:** Exatamente.

**P:** Seu time aqui em Washington, o D.C. United, é muito ativo na comunidade local. Você participa disso?

**R:** Sim. As pessoas observam-nos, e, quanto mais bem-sucedido somos, mais devemos ajudar a comunidade, porque se não fosse pela comunidade, não estaríamos aqui, para início de conversa.

**P:** Qual seria a mensagem adequada a adolescentes como você - no mundo todo - sobre o esforço para atingir uma meta ou realizar um sonho?

**R:** Eu diria que não é nada fácil atingir uma meta. Haverá muitos entraves para desviá-lo do seu caminho. Você vai ter que passar por muita provação. Haverá dias em que dirá: "Cara, eu não quero fazer isso, não quero passar por isso." Mas, sabe de uma coisa? Você deve lutar para alcançar sua meta. E deve ouvir os conselhos das pessoas mais importantes ao seu redor. Eles sempre o ajudarão e estarão a seu lado. Não desista, cara. Continue firme - e chegará lá algum dia. ■

# RITO DE PASSAGEM

Imagens da semana de formatura em escola de ensino médio no Estado da Virgínia refletem atividades comuns a essas escolas em todos os Estados Unidos

Fotos de Barry Fitzgerald

**M**ais de 100 alunos foram diplomados em 17 de junho de 2004 na escola de ensino médio James Monroe em Fredericksburg, Virgínia. James Monroe, que deu o nome à escola, foi o quinto presidente dos EUA (1817-1825) e exerceu a profissão de advogado em Friedericksburg, cidade fundada em 1728 na América colonial.

A semana de formatura provoca uma mistura de sentimentos e emoções naqueles que estão prestes a deixar a escola. Nervosismo pelos resultados dos exames finais, regozijo pelo fim da pressão dos estudos, tristeza pela separação dos amigos íntimos e expectativa em relação ao futuro - sejam estudos universitários, treinamento técnico, emprego, serviço militar ou alguma outra atividade.



Alunos caminham em um corredor em trajes informais comumente usados nos últimos dias do ano letivo

Placa laranja em frente à escola com os campeonatos estaduais que as equipes de atletismo venceram nas últimas quatro décadas. O grande destaque de 2005, no entanto, foi a equipe de alunos da James Monroe que conquistou a Taça Escolar da Virgínia, competição em conhecimento entre os alunos de todas as escolas do Estado

À direita, alunos sentados na cantina da escola envolvidos em um ritual típico de final de ano, escrevendo e assinando comentários – algumas vezes jocosos, outras sentimentais – nos anuários escolares uns dos outros

## Quando se aproxima o fim das aulas, uma série de atividades...



Logo acima, alunos examinam ansiosamente a lista colocada na janela da secretaria contendo os nomes dos que haviam sido aprovados nos testes para participar do seletor coro da escola, o Monroe Singers, no ano letivo seguinte

Ghizai Miri, aluna afegã da 12a série, e sua colega Jawaria Bhati trabalham nos computadores na biblioteca da escola. Ghizai foi considerada aluna brilhante no curso de história da Virgínia e do governo dos EUA

À direita, uma aluna começa a retirar seus livros e objetos pessoais do armário; o lado de dentro da porta está decorado com fotos de amigos e membros da família



**... caracteriza os últimos dias do ano letivo.**



Acima, alunos pintam cartazes anunciando um show de talentos a se realizar no fim do ano

Ao lado, a banda da escola, regida por Ryan Addair, ensaia as músicas que apresentará na cerimônia de formatura

Abaixo, no sábado pela manhã, os formandos se reúnem no Maury Field, o estádio de esportes da escola, em ensaio para a cerimônia de formatura que ocorrerá à noite. O aluno Antoine A. Bowen simula estar recebendo seu diploma do diretor da escola, Daryl Chesley



## A cerimônia e a comemoração concluem quatro anos de realizações.



Acima, duas amigas riem juntas antes de se perfilarem para desfilar no campo do estádio, enquanto convidados à direita esperam ansiosos pelo início das cerimônias de formatura

Abaixo, o diretor Chesley anuncia os nomes dos primeiros da classe, que estão em pé em frente a outros formandos, amigos e membros das famílias



Os formandos da James Monroe ouvem enquanto o orador da turma e capitão da equipe da Taça Escolar, Huyen Nguyen, mostra a mala que seus pais trouxeram quando emigraram do Vietnã em 1986. Nessa noite, a mala continha lembranças que ele usou para rememorar suas experiências no James Monroe. Elas eram desde as mais fúteis - uma embalagem de leite e um frasco de catchup - às mais sérias - um molho de chaves ("Lembrem-se de que todos têm a chave para libertar as mentes prisioneiras de... pessoas que não têm a liberdade desfrutada por nós.") e uma bíblia ("Não sou cristão, mas acredito que, independentemente da religião, este livro representa a moralidade, os valores e a fé de todos nós.")

# BIBLIOGRAFIA

## Seleção de leituras sobre a vida dos adolescentes nos EUA

Baranek, Tony. "Hunger on Hold" [Fome Contida]. *U.S. Society and Values: Sports in America*, vol. 8, nº 2, dezembro de 2003, pp. 29-31.  
<http://usinfo.state.gov/journals/itsv/1203/ijse/baranek.htm>

Bissinger, W.G. (Buzz). *Saturday Night Lights: A Town, a Team, and a Dream* [Luzes de Sábado à Noite: Uma Cidade, um time, um Sonho]. Cambridge, MA: Da Capo Press, 2004.

Centro Nacional de Estatísticas da Educação. *1.1 Million Homeschooled Students in the United States in 2003* [Um Milhão e Cem Mil Alunos Educados em Casa nos Estados Unidos em 2003]. Informe NCES 2004-115. Washington: Departamento de Educação dos EUA, Instituto de Ciências da Educação, NCES, julho de 2004.  
<http://nces.ed.gov/pubsearch/pubsinfo.asp?pubid=2004115> (Índice)  
[http://nces.ed.gov/pubs2004/2004115\\_se.pdf](http://nces.ed.gov/pubs2004/2004115_se.pdf) (PDF 65 KB)

Graff, Harvey J. *Conflicting Paths: Growing Up in America* [Caminhos Conflituosos: Crescer nos Estados Unidos]. Cambridge, MA: Harvard, 1995.

Greenberg, Anna. *OMG! How Generation Y Is Redefining Faith in the iPod Era* [Meu Deus! Como a Geração Y Está Redefinindo a Fé na Era iPod]. Nova York: Reboot, [2005] 51 pp.  
<http://www.rebooters.net/poll.html> [Índice]  
<http://www.rebooters.net/poll/rebootpoll.pdf> [PDF 1.12 MB]

Hurst, Marianne D. *"Leading the Way: Student-Run Foundations across the Country Are Empowering a New Generation of Teenagers to Play Larger Roles in Their Schools and Communities"* [Assumindo a Liderança: Fundações Dirigidas por Estudantes em Todo o País Possibilitam à Nova Geração de Adolescentes Maior Participação em Suas Escolas e Comunidades]. *Education Week*, vol. 24, nº 32, 20 de abril de 2005, pp. 24-27.

Johnson, Jean, Duffett, Ann et al. *Life after High School: Young People Talk about Their Hopes and Prospects* [A Vida Depois do Ensino Médio: Jovens Falam sobre Suas Esperanças e Perspectivas]. Nova York: Public Agenda, 2005.  
[http://www.publicagenda.com/research/research\\_reports\\_details.cfm?list=31](http://www.publicagenda.com/research/research_reports_details.cfm?list=31)

Mortimer, Jeylan T. *Working and Growing Up in America* [Trabalhar e Crescer nos Estados Unidos]. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2005.

Offenburger, Chuck. *"Pride on the Prairie"* [O Orgulho das Pradarias]. *U.S. Society and Values: Sports in America*, vol. 8, nº 2, dezembro de 2003, pp. 22-25.  
<http://usinfo.state.gov/journals/itsv/1203/ijse/offenburger.htm>

Sanders, Rickie e Mattson, Mark T. *Growing Up in America: An Atlas of Youth in the USA* [Crescer nos Estados Unidos: Um Atlas da Juventude nos EUA]. Nova York: Macmillan, 1998.

Smith, Christian e Denton, Melinda Lundquist. *Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers* [Em Busca da Alma: A Vida Religiosa e Espiritual dos Adolescentes Americanos]. Nova York: Oxford University Press, 2005.

"*The United States in 2005: Who We Are Today*" [Os Estados Unidos em 2005: Quem Somos Hoje]. *eJournal USA: Society and Values*, vol. 9, nº 2, dezembro de 2004, toda a edição.  
<http://usinfo.state.gov/journals/itsv/1204/ijse/ijse1204.htm>

Wilensky, Rona. *"College Is Not for Everyone; Commentary"* [Faculdade Não é Para Todos; Comentários]. *Education Week*, vol. 24, nº 32, 20 de abril de 2005, p. 28.

### AUTOBIOGRAFIAS E MEMÓRIAS

Alvord, Lori Arviso e Van Pelt, Elizabeth Cohen. *The Scalpel and the Silver Bear* [O Escalpele e o Urso Prateado]. Nova York: Bantam Books, 1999.

Asgedom, Mawi. *Of Beetles and Angels: A True Story of the American Dream* [Sobre Besouros e Anjos: A Verdadeira História do Sonho Americano]. Chicago, IL: Megadee Books, 2001.

Bogues, Tyrone (Muggsy). *In the Land of the Giants: My Life in Basketball* [Na Terra dos Gigantes: Minha Vida no Basquete]. Nova York: Little, Brown, 1994

Bradley, Shawn. *"My Own Words: On Being Different"* [Meu Depoimento: sobre Ser Diferente]. *eJournal USA: Global Issues – Growing Up Healthy*, vol. 10, nº 1, janeiro de 2005, pp. 14-15.  
<http://usinfo.state.gov/journals/itgic/0105/ijge/bradley.htm>

Cary, Lorene. *Black Ice* [Gelo Negro]. Nova York: Knopf, 1991.

Dumas, Firoozeh. *Funny in Farsi: A Memoir of Growing up Iranian in America* [Humor em Farsi: Um Depoimento sobre Crescer nos Estados Unidos Sendo Iraniana]. Nova York: Villard, 2003.

Hamm, Mia. "My Own Words: On Self-Esteem and Sports" [Meu Depoimento: Sobre Autoestima e Esportes]. *eJournal USA: Global Issues – Growing Up Healthy*, vol. 10, nº 1, janeiro de 2005, pp. 7-8.  
<http://usinfo.state.gov/journals/itgic/0105/ijge/hamm.htm>

Lewis, Marvin. "My Own Words: On Finding Your Way" [Meu Depoimento: Sobre a Busca do Próprio Caminho]. *eJournal USA: Global Issues – Growing Up Healthy*, vol. 10, nº 1, janeiro de 2005, p. 20.  
<http://usinfo.state.gov/journals/itgic/0105/ijge/lewis.htm>

Paulsen, Gary. *Guts: The True Story Behind Hatchet and the Brian Books* [Coragem: A Verdadeira História por trás do Livro Hatchet e dos Outros sobre Brian]. Nova York: Delacorte Press, 2001.

Quintanilla, Eliseo. "My Own Words: On Growing Up Fast" [Meu Depoimento: Sobre Amadurecimento Precoce]. *eJournal USA: Global Issues – Growing Up Healthy*, vol. 10, nº 1, janeiro de 2005, p. 24.  
<http://usinfo.state.gov/journals/itgic/0105/ijge/quintanilla.htm>

Salzman, Mark. *Lost in Place: Growing Up Absurd in Suburbia* [Perdido no Lugar: Crescer de Maneira Absurda no Subúrbio]. Nova York: Random House, 1996.

Shreve, Susan Richards. *Dream Me Home Safely: Writers on Growing Up in America* [Sonhando Comigo a Salvo em Casa: Escritores Falam sobre Crescer nos Estados Unidos]. Boston: Houghton Mifflin, 2003.

Wideman, John Edgar. "Reflections: Urban Hoop" [Reflexões: Basquete Urbano]. *U.S. Society and Values: Sports in America*, vol. 8, nº 2, dezembro de 2003, pp. 26-28.  
<http://usinfo.state.gov/journals/itsv/1203/ijse/wideman.htm>

---

O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo e disponibilidade dos recursos de outras agências e organizações relacionados acima. Todos os links de internet estavam ativos em julho de 2005.

# RECURSOS NA INTERNET

Seleção de sites sobre a vida dos adolescentes nos EUA

**AFS-EUA: Programas Interculturais de Intercâmbio Estudantil**

<http://usa.afs.org/>

**Ajudando a Juventude Americana**

<http://www.whitehouse.gov/firstlady/helping-youth.html>

**Almanaque InfoPlease: Esportes**

<http://www.infoplease.com/sports.html>

**Arquivo sobre Walt Whitman**

<http://www.whitmanarchive.org/>

**Associação Nacional de Professores de Canto**

<http://www.nats.org/>

**Base de Dados de Escolas Particulares**

**Centro Nacional de Estatísticas da Educação**

<http://nces.ed.gov/surveys/pss/privateschoolsearch/>

**Base de Dados de Escolas Públicas**

**Centro Nacional de Estatística sobre Educação**

<http://nces.ed.gov/ccd/schoolsearch/>

**Centro de Informações sobre Intercâmbio Internacional de Estudantes e Estudos no Exterior**

<http://www.internationalstudent.com/>

**Comissão de Educação dos Estados: Ensino em Casa**

<http://www.ecs.org/ecsmain.asp?page=/html/issues.asp>

**Conselho do Presidente sobre Boa Forma Física e Esportes**

<http://www.fitness.gov/>

**D.C. United (Time de futebol americano profissional)**

<http://dcunited.mlsnet.com/MLS/dcu/index.jsp>

**Departamento de Educação dos EUA**

**Especialmente para Estudantes**

<http://www.ed.gov/students/landing.jhtml>

**Departamento do Trabalho dos EUA**

**O Jovem e o Trabalho: Informações para Trabalhadores**

**Jovens**

<http://www.dol.gov/dol/topic/youthlabor/StudentWorkers.htm#doltopics>

**Escritório de Assuntos Educacionais e Culturais do**

**Departamento de Estado dos EUA**

**Divisão de Programas para a Juventude**

<http://exchanges.state.gov/education/citizens/students/>

**Esporte sobre Patins nos EUA: Patinação Artística**

<http://www.usarollersports.org/vnews/display.v/SEC/FIGURE+SKATING>

**Estratégias de Entrevistas de Emprego para Adolescentes Melhores Carreiras**

[http://www.quintcareers.com/teen\\_job\\_strategies.html](http://www.quintcareers.com/teen_job_strategies.html)

**Estudantes contra a Violência em Todos os Lugares**

<http://www.nationalsave.org/>

**Federação Americana de Futebol**

<http://www.ussoccer.com/>

**Jornalismo da Asne para o Ensino Médio (Sociedade Americana de Editores de Jornais - Asne)**

<http://www.highschooljournalism.org/>

**Merlyn's Pen: Ficção, Ensaios e Poemas de Adolescentes Americanos**

<http://www.merlynspen.org/contentmgr/showdetails.php/id/29624/search/true>

**O Que as Crianças Podem Fazer: Vozes e Trabalho da Próxima Geração**

<http://www.whatkidscando.org/index.asp>

**Peterson's - Oportunidades de Verão para Crianças e Adolescentes**

[www.petersons.com/summerop/ssector.html](http://www.petersons.com/summerop/ssector.html)

**Pólo de Ensino Médio: Centro de Aprendizagem On-Line para Estudantes do Ensino Médio**

<http://www.highschoolhub.org/hub/hub.cfm>

**Professor do Ano**

**Conselho de Diretores de Escolas Estaduais**

[http://www.ccsso.org/projects/National\\_Teacher\\_of\\_the\\_Year/](http://www.ccsso.org/projects/National_Teacher_of_the_Year/)

**Promessa da América – Aliança para a Juventude**

<http://www.americaspromise.org/>

**Rede Nacional de Educação em Casa**

<http://www.nhen.org/>

**Teenreads.com**

<http://www.teenreads.com/index.asp>

**TeenSpace: Biblioteca Pública para Adolescentes via Internet**

<http://www.ipl.org/div/teen/>

Inclui seções sobre esportes, entretenimento e artes; clubes e organizações; dinheiro e trabalho; e tecnologia.

**Voluntariado Jovem - EUA**

<http://www.ysa.org/>

**Voz da América**

**Fórum Global de Faculdades dos EUA**

**Perfis de Estudantes Estrangeiros nas Faculdades Americanas**

[http://www.voanews.com/english/AmericanLife/global\\_college\\_forum.cfm](http://www.voanews.com/english/AmericanLife/global_college_forum.cfm)

**Rádio da Juventude**

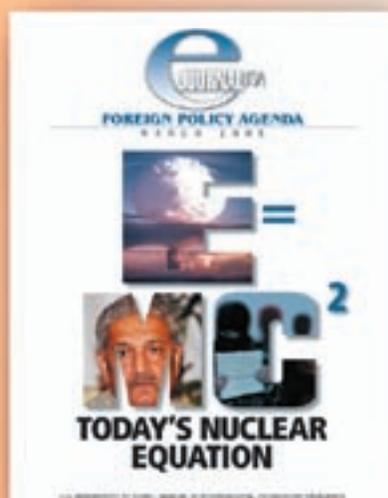
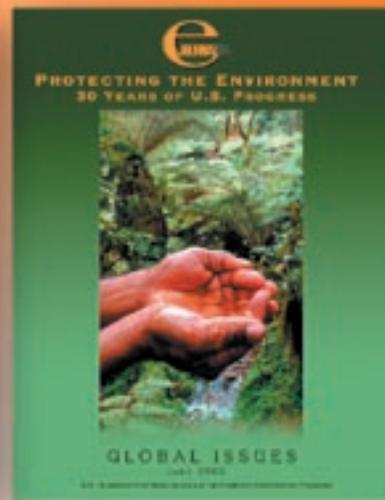
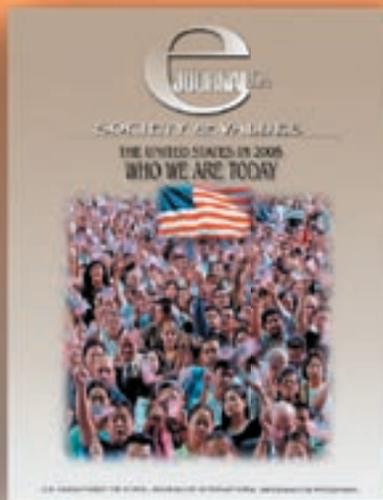
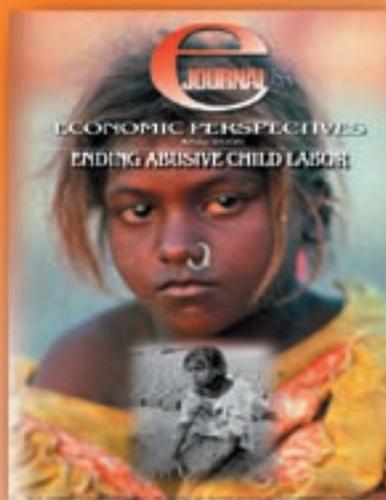
<http://www.youthradio.org/index.shtml>

**Youth for Understanding USA**

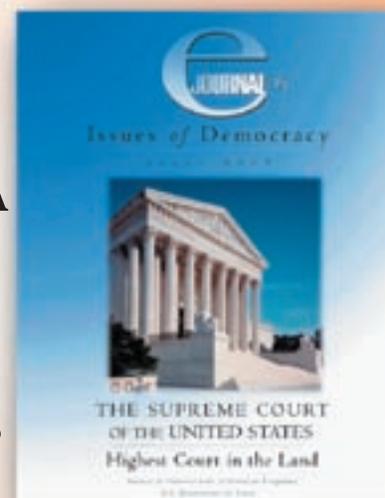
<http://www.yfu-usa.org/>

---

O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo e disponibilidade dos recursos relacionados acima. Todos estavam ativos em julho de 2005.



A  
CADA MÊS É  
PUBLICADA UMA  
REVISTA NOVA  
COM VERSÕES  
EM DIFERENTES  
IDIOMAS



VEJA A RELAÇÃO COMPLETA DOS TÍTULOS EM  
<http://usinfo.state.gov/journals/journals.htm>